4

ENTREVISTAS, MÉTODO E EMPIRIA

4.1

Traduzindo dados

Seguindo a proposta de Geertz (1999) de se analisar a sociedade como um texto, procuro, ao modelo do autor, realizar uma hermenêutica cultural do grupo focal, ou seja, dos clientes. A antropologia interpretativa, dessa forma, concentra-se no significado que as ações, imagens, costumes têm para seus “proprietários”. Seu instrumento de trabalho são as construções. Assim, representa esforços para formular conceitos que expliquem como este ou aquele povo faz sentido para si mesmo e, tornando-se este processo claro, busca explicações para a ordem social.

A dedicação se dará no sentido de empreender uma leitura do social, presente nas falas, expressas através de entrevistas e relatos de história de vida. Neste sentido, os esforços se direcionarão na transformação da lógica interna do grupo, através de sua reformulação, de acordo com o vocabulário que seja inteligível não só no meio acadêmico e científico, mas também em outros segmentos da sociedade mais abrangente. Isto quer dizer, sua tradução.

Tradução significa, então, a reformulação de categorias – nossas e alheias – para que essas possam ultrapassar os limites dos contextos originais onde surgiram e onde adquiriram seu significado, com o objetivo de estabelecer afinidades e demarcar diferenças (Geertz, 1999, p.24).

Quando estudamos grupos imersos nas mais diferentes culturas, não apresentamos a cultura do grupo pura e simples, mas sim como este vê a sua cultura, o mundo em que vive e o que está ao seu redor. Isto quer dizer que a interpretação que fazemos desse sistema cultural já é, por si só, uma interpretação da interpretação. Interpretação do antropólogo da interpretação que o grupo faz de seu mundo. É através da linguagem, do modo de expressão, do que falam do mundo, isto é, dos seus sistemas simbólicos que conseguimos interpretar a interpretação do grupo.

Ao ver a sociedade como um texto, determinados ritos e práticas sociais podem ser vistos como metáforas que expressam a representação cultural que a sociedade faz dela mesma, a sua visão de mundo e a sua natureza. Dessa forma, práticas como freqüentar prostitutas podem ser vistas como uma metáfora da masculinidade, assim como a luta de galos em Bali, descrita por Geertz.

Embora a opção por um método de análise seja uma escolha deliberada a respeito de como se trabalhará com o objeto de estudo e com os dados coletados (Becker, 1993), acredito que tal opção não implique prejuízos ou defasagens no desenvolvimento epistemológico, sobretudo, porque nunca seremos capazes de apreender os subterfúgios da sexualidade e, em sentido estrito, da relação prostituta cliente, cabendo a nós resgatar alguns traços do real com a finalidade de apresentar alternativos e variados retratos do social. Além disto, a sensibilidade deve ditar o método que deve ser aplicado em cada caso, caso necessário.

Trabalho, dessa forma, como já sugerido, com histórias de vida que foram registradas por meio de entrevistas gravadas. Não só as entrevistas formais, como também as conversas informais são valorizadas neste percurso, em uma tentativa constante de apreender a lógica do universo que permeia a relação prostituta/cliente.

A entrevista, no geral, apresenta três etapas. A primeira consiste em perguntas uniformes que visam coletar dados acerca da profissão, grau de escolaridade, estado civil, idade e bairro de residência dos informantes.

Já a segunda etapa diz respeito às histórias de vida dos entrevistados. Embora mais ou menos direcionada por meio de perguntas e temas relativos à sexualidade e prazer, a estratégia é fazer com que os entrevistados falem de sua vida, sob diversas perspectivas e temas, que possam ter relação, direta ou não, com a sua sexualidade.

Na terceira etapa faço perguntas específicas acerca do tema prostituição. O objetivo aqui é observar como os clientes vêem a figura da prostituta e a função que a mesma desempenha na sociedade atual. Questões a respeito da necessidade e permanência da prostituição também foram levantadas.

Acredito que as perguntas feitas, entre outros, podem fazer com que o informante se confronte com questões que ele mesmo nunca tenha se deparado, o que em última instância acarreta um processo contínuo e simultâneo de percepção e construção de significados entre o pesquisador e o informante.

O relato oral da história de vida manifesta ainda sua importância no fato de que o informante não apresenta apenas dados de sua existência particular e individual, pode-se também perceber, dessa forma, traços da coletividade maior na qual o informante se insere, alcançando, neste sentido, um dos objetivos a que se propõe esse trabalho: a construção do universo masculino e o que é ser homem para esse grupo. Assim, o relato oral para além de apresentar a história particular de um indivíduo, suas representações e expectativas, nos oferece também componentes de como essa coletividade experiencia e dá significado ao mundo.

Como já ressaltado, no entanto, a metodologia adotada exige determinados cuidados que são fundamentais para a compreensão e execução do trabalho. Ao se trabalhar com entrevistas e, assim, com narrativas, deve-se levar em conta os “padrões de resposta – tendências a dar respostas num certo estilo (aquiescente, socialmente desejável, e assim por diante) sem realmente considerar o conteúdo do item de atitude sob investigação” (Becker, 1993, p.37)

É de suma importância, então, situar e observar tais narrativas como rituais de interação (Goffman, 2011). Os Rituais de interação se caracterizam por serem relações estruturadas que se constroem entre os atores em situações e contextos. As formas que assumem variam de contexto para contexto. É a partir do sentido e interpretação dado pelos sujeitos a determinada situação que se construirá as suas intenções e motivações. Ou seja, as interações face a face estão permeadas de intenções.

Como nos mostra o autor supracitado, os indivíduos possuem um conhecimento anterior à interação que é utilizado para desenvolver estratégias de apresentação visando à projeção de uma imagem de si sobre os outros. Assim, determinados indivíduos manipulam suas ações durante a interação, de forma a projetar uma imagem desejada, afirmando uma ideia de si e impressionando outros indivíduos, sempre dentro de um determinado contexto de interação e definição de situação. A interação, portanto, é um processo em que os atores constantemente se pautam na expectativa dos outros:

os participantes, em conjunto, contribuem para uma única definição geral da situação, que implica não tanto um acordo real sobre o que existe, mas, antes, num acordo real quanto às pretensões de qual pessoa, referentes a quais questões, serão temporariamente acatadas (Goffman, 2011, p.19)

Apesar das limitações de não se trabalhar com a observação direta, que normalmente não só complementa como também alimenta e corrige o material colhido

pelas entrevistas, a análise das narrativas sobre a relação cliente-prostituta, sobre a caracterização da forma como essa prestação de serviços sexuais é encarada pelos clientes e o que motiva essa busca são de importante contribuição para problematizar alguns aspectos.

Por fim, cabe esclarecer que, na tentativa de desenhar um padrão de masculinidade que emerge no discurso de um grupo que apresenta variações em sua composição, trabalho com o conceito de Rede social parcial, que quer dizer “qualquer extração de uma rede total, com base em algum critério que seja aplicável à rede total” (Barnes, 1987, p.166)

Podemos dizer, dessa forma, que o grupo em questão forma uma rede, pois se trata de pessoas que, através de um elemento comum, entraram em contato, formando, assim, uma composição social. Quero dizer com isso que a partir do amigo que me possibilitou o contato com o primeiro informante, elo de comunicação de toda a rede, pude entrar em contato com outros informantes que, apesar de não terem sido indicados pelo amigo em questão, foram indicados pelos informantes que ele mesmo indicou. E isso se deu com outras pessoas ao longo do processo de recrutamento dos informantes. Todo esse fluxo e construção social, mesmo que partindo de um único elemento, configura a formação de uma rede. O conceito de Rede é importante para

[...]descrição e análise de processos políticos, classes sociais, relação entre um mercado e sua periferia, provisão de serviços e circulação de bens e informações num meio social não estruturado, manutenção de valores e normas pela fofoca, diferenças estruturais entre sociedades tribais, rurais e urbanas, e assim por diante. (Barnes, 1987, p. 161)

Dessa forma, embora alguns informantes possam divergir entre si em termos de escolaridade, idade, estado civil, profissão ou residência, acredito, adotando o conceito de rede como conexões não formalizadas, que eles formam um conjunto mais ou menos homogêneo e que, portanto, é possível desenhar um padrão de masculinidade que se afigura no grupo. Assim, embora existam modulações de discurso dentro do grupo, as conexões de trabalho, idade e amizade servem como importantes potencializadores da rede.

4.2

A Prostituta está para a Esposa assim como a Rua está para a Casa

-Por que os homens procuram as prostitutas?

- Pra conseguir fazer o que eles não conseguem em casa

(Lucas, 19 anos, solteiro)

Ao longo da pesquisa, ficou claro o diálogo constante que se estabelece entre a prostituta e a companheira e entre a rua e a casa. Ou seja, nas representações que se evidenciam nas falas masculinas quanto às motivações para a relação com a prostituta, quanto à performance sexual delas e de suas esposas, bem como a sua diferenciação, há sempre uma correlação entre prostituta e companheira/esposa, seja por complementação ou negação.

Embora a sexualidade da prostituta seja uma sexualidade fora do lugar (Foucault, 1988), ela não é um corpo abjeto (Butler, 1980), pois se trata de uma categoria que (co)existe lado a lado com a dita “mulher de família”. Estas duas categorias, portanto, estão em constante e permanente diálogo.

Quando perguntado por que transa com prostitutas, David¹¹, 25 anos, Carregador e morador de Nova Iguaçu, responde:

‘Porque as mulheres só transam quando querem, daí o homem procura a puta para satisfazê-lo, como depois de um dia de trabalho [...] Tem mulheres que só aceitam a penetração depois de gozarem, do contrário elas não permitem.’

¹¹ A ausência de dados sobre o informante é consequência do caráter informal e improvisado da entrevista. O encontro que tive com David e seus amigos – Ícaro e Ivo – foi casual. Na ocasião, estava almoçando com uma amiga em um Shopping de Nova Iguaçu. Os rapazes, evidentemente interessados em se aproximar, sugeriram que sentássemos todos juntos. Aproveitando a situação, falei do meu tema de pesquisa e, no desenrolar da conversas, questões, assuntos, perguntas e respostas foram se delineando. Como já citado, os rapazes também aproveitaram a situação para nos assediar. No entanto, apesar da deficiência na coleta dos dados, o comportamento de David, em um dado momento da conversa entre o grupo, revela significativas informações. Como já citado, David, absolutamente fora de contexto, retirou um maço de dinheiro do bolso e começou a contar e recontar as notas. Esta atitude, se observada e relacionada ao trabalho manual desempenhado por David, pode indicar que o informante faz parte dos segmentos mais subalternos. Além disto, comumente, os segmentos abastados não têm o hábito de andar com dinheiro em espécie. A própria menção do informante ao trabalho indica que o contato com a prostituta é visto como uma recompensa ao mesmo. Ou seja, o sexo com prostituta demarca o momento de lazer, a negação da atividade laboral. O sexo pago faz parte de um padrão de consumo que muitos homens utilizam e entendem como forma de bem-viver.

Neste mesmo sentido, e ainda mais revelador, é a fala de Leonardo, que apresenta a seguinte resposta ao ser questionado sobre as diferenças entre o sexo com a prostituta e a companheira/namorada/esposa:

‘A prostituta fora do ambiente de trabalho, não sei se por trabalhar com isso, ela é muito mais liberal do que a mulher que não é prostituta. Fora do ambiente de trabalho, ela já tá mais acessível a fazer mais coisas, ao que você pedir, tipo sexo anal; outros tipos de coisas também. Sei lá, você e outra mulher. Ela tá mais acessível. Não sei se mais safada ou menos inibida, mas ela topa mais coisas do que uma mulher que não é prostituta.’

Matheus, expondo o que segundo ele seria um dos fatores que motiva homens para o encontro com prostituta, revela:

‘Eu acho que pra fazer o que eles têm um pouco de receio de pedir para as esposas fazerem. Tipo sexo mais violento, mais pegado mesmo, sexo anal. Existe um certo tabu quanto à isso mesmo.’

Matheus não está sozinho em suas interpretações. Ao contrário, outros informantes apresentaram um discurso bastante similar. Ramón diz:

‘[...] Você num relacionamento com a sua namora, sua esposa, aquela pessoa com carinho, você fica com receio de puxar o cabelo, de dar um tapa, dar uma mordida. E com a prostituta não, você vai fazer sem ter o receio.’

Os próprios rapazes, como se nota, impedem uma maior liberação sexual feminina ao, arbitrariamente, estipularem os que devem ou não fazer com as mulheres, ao tomarem como realidade o que eles acreditam que elas não gostariam de realizar. Esse pensamento não é fortuito. Sem dúvida, ele esconde uma visão patriarcal e sexista de comportamentos sexuais esperados para cada sexo. Imagina-se, então, que a “mulher de casa”, dócil, frágil e singela não vai consentir performances sexuais que não as tradicionais.

É observável que muitos homens se sentem constrangidos em falar da sua sexualidade e anseios com suas companheiras. Isto, evidentemente, cria um obstáculo entre o casal e o afasta das bases de um relacionamento puro. Muito desses incômodos apresentados pelos homens, acredito, diz respeito à dificuldade que muitos deles têm em

se relacionar. Essa barreira, ao invés de tentar ser quebrada através de uma conversa franca, encontra subterfúgio na relação sexual com a prostituta.

Perguntado por que os homens procuram na prostituta o que eles poderiam fazer com a companheira, Leonardo esclarece:

‘A falta de intimidade pra dizer o que está querendo, o pudor também familiar. Como você vai chegar e propor uma coisa dessa pra namorada, esposa? Rola muito de ficar sem graça, sem jeito de falar. Com a prostituta não, você dá o seu valor e ela diz se aceita ou não. E até rola o contrário também, da mulher querer fazer algo e não saber como propor isso pro esposo. Sendo que pra mulher não tem a válvula de escape que é o “puteiro”’.

Márcio apresenta opinião semelhante:

Entrevistadora: Tem distinção no relacionamento com a dita “mulher de casa” e com a prostituta?

Márcio: Eu, particularmente, não acho que tem. Mas, eu não sei o grau de intimidade que você teria que ter com a pessoa para pedir uma determinada coisa. É aquela coisa toda, medo de ter algum desgaste por conta disso. Entendeu? Uma coisa normal, sei lá, que você deseja, entendeu? E você não tem certeza que a pessoa deseja aquilo, entendeu? É meio complicado. Teria que conversar ou ter alguma disposição com aquela pessoa.

Entrevistadora: Você prefere não falar a causar um incômodo?

Márcio: É mais isso. Você tem medo de causar algum tipo de incômodo. Você não sabe a reação da pessoa, né?

Entrevistadora: Por não saber a reação da pessoa, se você quiser...

Márcio: Seria mais uma questão de praticidade, né cara? Você fala: “não, é isso!”, a prostituta estaria mais apta a acatar aquilo ali. E sua namorada talvez não. A prostituta estaria mais aberta pra qualquer tipo de coisa e sua mulher você teria que convencer.

A semelhança no discurso de Ramón, Matheus e Márcio não é casual. Os três estabelecem entre si laços de amizade e afinidade. Inclusive, o acesso e entrevistas a Márcio e Matheus não só foi possível graças à indicação de Ramón, como também foram realizadas na casa do próprio. Neste sentido, como foi dito anteriormente, a amizade é um potencializador de rede, que cria conexões e estabelece certa conformidade e coerência ao grupo.

As amostras nos indicam que o padrão tradicional perpassa toda a sociedade, atingindo homens e mulheres. Não são estas as únicas afetadas pela tradição. Quando se trata de sexo, de conversar sobre sexo com a parceira observamos o peso desse tabu

entre os homens. Para além daqueles casos em que o peso do patriarcalismo se desnuda em falas que diferem e restringem determinadas performances sexuais às companheiras e às prostitutas, os homens têm temor de passar por um possível constrangimento ou complicações que uma conversar desse tipo poderia causar.

A praticidade, como uma justificativa, é um recurso comumente utilizado pelos homens, como veremos adiante. Parece que não há uma disposição em doar tempo à outra pessoa. É a rapidez do contemporâneo. As pessoas têm pressa em satisfazer seus anseios e não estão preocupadas em desenvolver um ajuste a longo prazo, uma relação de intimidade que se paute no conhecimento do outro. As prostitutas, nos tempos atuais, vêm de encontro aos anseios do homem moderno por rapidez e aversão a perda de tempo e ao desgaste que uma relação mais duradoura possivelmente pudesse implicar.

A prostituta é a figura que, para os homens, melhor se acopla ao desejo por satisfação sexual imediata, uma vez que ela sacia sexualmente o homem, sem que para tal ele tenha que “gastar” tempo e construir laços.

Dando prosseguimento à fala de Márcio, é possível notar como o padrão machista e sexista dicotomiza práticas e discursos como propriamente masculinos e femininos. Esse antagonismo faz com que muitos homens se sintam incomodados em falar determinados assuntos sexuais com as mulheres, pois acreditam que possa ofendê-la.

‘(...) Na verdade, no meu caso, eu procuro incitar (a companheira) e tudo, mas eu tenho uma coisa de respeitar muito o outro. Então, às vezes eu não proponho por ter medo de ofender ou alguma coisa assim. Eu deixo a pessoa se manifestar. O que é muito diferente com a prostituta, ou ela topa ou não topa. Ai você vai buscar outra que tope.’

Até mesmo Tadeu, que assume uma maior liberação feminina e a possibilidade de diálogo e acerto a respeito do sexo com a companheira, deixa claro em sua fala que se sente sexualmente mais à vontade com a prostituta.

‘Eu já tive uma namorada que era muito aberta a tudo, era só conversar com ela. Mas tinha uma coisa que ela não gostava, que era o lance do sexo anal. Ela não era muito adepta a isso. Agora quanto a ser xingada...Eu acho que depende da mulher e do seu relacionamento. Eu acho que dá pra fazer tudo com a mulher que você tem, desde que você tenha um limite. Agora, as prostitutas você se sente mais aberto a fazer qualquer

coisa porque é o trabalho dela. O trabalho dela é te satisfazer, é te dar prazer. Até mesmo porque tem o lance do dinheiro envolvido, você tá pagando. Ela tá vendendo o corpo dela e você tá comprando o corpo dela. Existem prostitutas que não gostam muito de algumas situações, mas elas deixam bem claro no começo. Então, isso já faz com que você procure outra. É como se fosse uma mercadoria. Então, você acaba... “Ah, ela não faz. Ah, tá bom! Vou procurar outra!”. Aí, você acaba procurando outra prostituta e fazendo tudo o que você quer. Ou seja, você acaba escolhendo outro produto. É uma forma vulgar, é até meio... sei lá... mas é essa forma mesmo, você pode realizar tudo, desde que você pague

(...)

Acho que é o lance do... por exemplo, se eu virasse pra minha namorada agora e falasse pra ela: “Vamos fazer um sexo em grupo?”, com certeza ela não ia aceitar essa hipótese. Acho que é a questão mesmo da liberdade, da sacanagem mesmo, de poder ser livre. Você tá pagando, entrou num consenso, fez um acordo, ela acaba aceitando fazer sexo com você e mais três amigos ou mais quatro amigos. É o lance da liberdade extrema, é como se fosse uma liberdade superior. ’

O trecho é importante também para se avaliar a noção de prestação de serviços que envolvem a prostituição. A prostituição é vista, neste sentido, como um serviço como outro qualquer, cuja transação é intermediada pelo dinheiro e que exige a descrição do serviço e afirmação do contrato. Se o cliente não se sente satisfeito com as “cláusulas” e determinações, procura outro produto. No entanto, tem uma especificidade, pois se trata de um serviço sexual, exigindo, portanto, o pagamento antecipado, posto que após a satisfação imediata das necessidades sexuais, o pagamento pode ser mais complicado. A procura por prostitutas que desempenham serviços sexuais variados evidencia que o corpo da prostituta não é um corpo mudo e permissivo. Ela estabelece limites à atuação em seus corpos, negando por vezes situações e ações

Os discursos que foram analisados até aqui explicitam claramente que a prostituição serve, entre outros, como recurso às demandas que não podem, no imaginário masculino, ser atendidas por suas parceiras. A prostituta prestaria, então, serviços sexuais especializados ou especiais (Souza, 1998, p.77). Esses serviços dizem respeito a fantasias e práticas sexuais como a felação, sexo em grupo ou com duas mulheres, o estímulo anal ou sadomasoquismo. Aqui, observa-se, mais uma vez, a oposição entre a casa e a rua de que fala DaMatta (1997).

A casa seria, então, o espaço do feminino, representado pela mulher, pelo sossego, passividade, previsibilidade, pela sexualidade controlada, enfim, pela ordem. A rua, por sua vez, é o espaço do inesperado, do imprevisível, da desordem, espaço do homem por excelência, posto que é marcado pela aventura, dentre elas, as sexuais. No

entanto, assim como a “mulher de casa” e a “puta”, há sempre uma comunicação, ora mais fluida, ora mais tensa, entre esses dois espaços.

Dando prosseguimento ao seu discurso, ao tentar explicar que performances ele e o grupo de amigos entendem que não se devem fazer com a companheira, Leonardo demonstra os limites sexuais a que as mulheres são submetidas.

‘Ah! sei lá! Muito homem quer gozar na boca da mulher e acho que com a esposa é... fica meio... talvez por muito tempo de casado não tem essa liberdade, talvez. Ou fique meio sem graça de tentar fazer isso, de propor isso pra esposa. Até a namorada dele também. Ele pode, quem sabe de muito novo, pode ser que aconteça, que ele “vai” ensinando para a mulher, coisa assim... o próprio sexo anal, muitos homens querem isso, tem aquela dúvida, se realmente dá muito prazer ou se o prazer está em conseguir; e esse tipo de coisa pra fazer com a namorada, com a esposa é mais difícil de você propor.’

O sexo anal aparece em quase todas as falas como uma vontade masculina que suas companheiras não satisfazem ou que eles próprios têm dificuldade de sugerir ou estabelecer uma conversa a respeito. Seja como for, o sexo anal é uma performance que permeia o imaginário masculino, levando os homens, por vezes, a buscá-lo no contato sexual com a prostituta.

Para além da questão, o trecho destacado elucidado como no imaginário masculino a mulher ainda é vista como uma extensão do homem. Seu companheiro deve tutelá-la de forma a passar-lhe uma pedagogia sexual. Esse controle sobre a mulher é um dos traços comuns da construção da masculinidade em nossa sociedade. Em alguns pontos da cidade, sobretudo no subúrbio, ainda há um forte tradição sexual. Permanece, em muitas mentalidades, a oposição binária entre a “puta” (a mulher da rua) e a “Santa” (a mulher de casa). No entanto, apesar do homem esperar que a mulher seja um esteio moral, ele não evita as investidas. Neste sentido, como aparece na fala, conseguir ultrapassar determinados limites sexuais ou contatar áreas consideradas menos acessíveis e que, portanto, passam a ter um valor e importâncias diferenciados nesse jogo sexual, se tornam um troféu e asseguram a auto-afirmação da masculinidade.

O discurso de Matheus, que se apresentará em seguida, é representativo da permanência de um modelo ideal de mulher que permeia o imaginário de parte da sociedade carioca. Dentro desse padrão dicotomizado, qualquer coisa que na mulher fuja ao modelo imposto afeta diretamente ao homem, uma vez que se persiste a ideia de que a honra da mulher está atrelada à sexualidade e de que o homem é depositário desta

honra. As teorias defendidas por Lombroso e Ferrero, no início do século XX, de que a mulher, ao contrário do homem, conceberia sua honra em termos sexuais parecem ganhar cor e formato no discurso dos informantes.

‘Existe ainda, por mais bizarro que seja, quando tá namorando muita gente que tem o tabu como sexo anal. Acha que sexo anal é coisa de puta. É a questão do mesmo cara que fica com a namorada, as vezes, a vida inteira assim, nunca perguntou pra ela, nem sabe se ela quer, por exemplo, a questão o sexo anal, como também da ejaculação na boca. Esse é outro tabu, esse é um tabu bizarro. Muito mais do que o sexo anal.’

Bozon (2004, p.61), argumentando a respeito da naturalização de relações que são socialmente construídas, afirma que

As relações de gênero e as relações entre classes sociais, bem como entre grupos culturais ou étnicos, estruturam as percepções do possível, do desejável e da transgressão em matéria de sexualidade. E, na medida em que é incorporada aos indivíduos e já não pode ser afastada facilmente, a experiência sexual, sonhada ou praticada, possibilita naturalizar as relações sociais que lhe deram origem.

Tadeu (T) e Rivaldo (R)¹² respondendo, em uma mesma entrevista, sobre o comportamento sexual feminino, dão contorno à polarização existente entre as práticas masculinas e femininas:

Entrevistadora: O que vocês acham da liberdade sexual feminina? Essa coisa das mulheres transarem antes do casamento, de não terem um parceiro fixo, mais de um parceiro? Têm algum preconceito?

Rivaldo: Pois é, isso que eu ia falar. Não tem jeito, tá arraigado na gente. A gente acaba com essas “putarias” de “puteiros”, a gente acha legal. Agora a mulher fazendo, o homem, às vezes até aceita namorar, mas é uma gozação que ele enfrenta, terrível...

¹² Rivaldo tem 22 anos e é agente dos Correios. Solteiro e cursando a Universidade, mora em Bonsucesso, mas se desloca diariamente para a Zona Sul, local onde trabalha. Rivaldo teve o seu primeiro contato sexual aos 16 anos, com uma mulher mais velha do que ele, na época com 22 anos de idade e 3 filhos. O informante teve a sua primeira relação sexual com prostituta aos 21 anos, ou seja, na época da entrevista ele se relacionava há pouco mais de um ano com prostitutas. Esse primeiro contato, segundo ele, foi motivado pela “zuação, festa entre amigos”. Inclusive, a primeira vez em que Rivaldo foi a uma casa de prostituição estava em companhia de Tadeu. Vale à pena mencionar que Rivaldo, no dia e hora marcada para a entrevista, estava, propositalmente, acompanhado por Tadeu. Sua intenção era de que Tadeu também contribuísse com sua história de vida. Nesta circunstância, a entrevista foi realizada conjuntamente, o que, sem dúvida, deu um caráter bastante específico para a conversa. Neste sentido, houve uma influência mútua no discurso dos rapazes, observável nas consultas que faziam um ao outro, nas discussões entre si e nas intervenções nas falas.

Tadeu: Exato!

Entrevistadora: Gozação de quem?

Rivaldo e Tadeu: dos próprios amigos.

Rivaldo: O homem tem dificuldade sim de namorar uma mulher dessa... que tenta ser homem. Pronto!

Entrevistadora: Por quê?

Rivaldo: Como ela tem um pouco dessa cabeça masculina, ou sem machismo, eu não sei... essa liberdade... O homem que trai, acha o seguinte; “Então ela vai fazer comigo, não vou parar com ela por nada.” Eu acho que pensa assim. Eu não traio, nunca trai minhas namoradas.

Da mesma forma que as teorias científicas do século passado, os rapazes classificam as mulheres a partir de padrões socialmente definidos para os sexos. Assim, as mulheres que exibem erotismo e uma intensa atividade sexual são enquadradas como perigosas e pertencentes, a partir de traços psicológicos e de comportamento, ao sexo masculino. Uma vez mais, as palavras são de Bozon:

O valor das mulheres corresponde à parcimônia com que elas se entregam, o dos homens ao número de “objetos” conquistados: a oposição raridade/número transformou-se em uma estrutura psicológica profundamente interiorizada, conforme indica a divergência das respostas às perguntas sobre o número de parceiros sexuais. Por conseguinte, o duplo padrão de sexo, gerador de injunções contraditórias para os indivíduos, tanto homens quanto mulheres, não desapareceu [...] Os homens continuam a ser considerados os principais agentes do ato sexual, e o desejo sexual feminino continua a ser amplamente ignorado, “como se o lugar [das mulheres] devesse permanecer limitado à afetividade” (Bozon, 2004, p.95)

Deve-se acrescentar a concordância existente entre o discurso de Tadeu e Rivaldo. Certamente, o fato de a entrevista ter sido realizada em conjunto contribui para isso. No entanto, não pode se ignorar o fato de Rivaldo e Tadeu trabalharem juntos. Além disto, foi Rivaldo que indicou Tadeu para a entrevista e foi este que, em outra situação, acompanhou Rivaldo em sua primeira ida a uma casa de prostituição. Cabe, portanto, falar, uma vez mais, dos laços de amizade e de trabalho como potencializadores de rede e de congruência discursiva.

Continuando em sua atribuição de valores, Rivaldo prossegue:

Rivaldo: Com a minha namorada tudo a gente conversava e tentava se quisesse. Tudo. Nunca teve nenhuma proibição. Uma vez eu tive uma experiência, eu era novinho. Ela pediu pra chamar de cachorra, fazer esses xingamentos, vagabunda, não sei o quê...

“me xinga, me bate”. Eu lembro que depois eu me senti muito esquisito, cara. Eu falei “que porra é essa?”

Entrevistadora: Esquisito por quê?

Rivaldo: sei lá, me senti mal, falei: “será que ela é vadia assim?” Não sei se devo namorar, se ela vai me trair.

Entrevistadora: Mas se fosse uma prostituta, você se importaria?

Rivaldo: Não. Não. Inclusive eu bati muito na última. Achei até esquisito como ela agüentava.

Entrevistadora: Ela pediu?

Rivaldo: Ela pediu. Teve uma hora que eu tava quase dando soco na cara da menina. Aí no final, ela: “Caralho! Só porradão, hein?”

Entrevistadora: Isso te fez sentir mal?

Rivaldo: Não. Eu falei: “Você que pediu!”

Embora tanto a prostituta quanto a namorada tenham sugerido tal performance durante o sexo, o informante só se sentiu mal quanto à sugestão da namorada, justificando, inclusive, uma postura mais agressiva de sua parte com a prostituta, explicitada na frase: “Você que pediu!”. Observa-se, então, que não é uma questão humanitária quanto ao ato ou à possível agressão que ele representa. O que está em questão é em quem se bate. Embora tenha dito inicialmente que não havia restrições ao contato sexual com sua parceira, Rivaldo estabeleceu claros limites, deixando evidente a separação que existe entre a casa e a rua, entre a “companheira” e a prostituta.

Neste sentido, tal performance é algo que desqualifica sua parceira enquanto tal, a ponto de sua conduta e relacionamento serem alvos de questionamento. Além de ficar claro que não há um ajuste como aquele requerido pelo relacionamento puro, a performance sugerida por ambas é permeada, no imaginário do informante, por significados moralmente condenáveis que vêm, por conseguinte, ameaçar a honra de sua parceira e por extensão a sua.

Em relação à prostituta tem-se o oposto. O dinheiro, que mediatiza a relação do informante com a prostituta, torna o corpo desta impessoal, desumanizando-o de tal forma que não há uma preocupação quanto ao ato ou força aplicado, seus significados e conseqüências.

A ideia do corpo da mulher como extensão do homem e sua propriedade é tão forte e sedimentada a ponto da liberdade sexual feminina ter sua importância enquanto meio satisfação das necessidades masculinas. Não se trata de requerer ou enaltecer uma

autonomia, mas de garantir a liberdade sexual com vistas a atender o próprio homem, como se nota na fala de Gustavo, que afirma ser “*legal*” uma liberação da mulher “*porque antigamente as mulheres gostavam de ser seduzidas e hoje em dia tem homens que gostam de ser seduzidos. E acho que isso é legal porque faz bem pro ego masculino.*”

Outro aspecto que acredito ser importante ressaltar é a influência das mídias e filmes pornô na definição da sexualidade masculina. Esses veículos de informação modulam de tal forma os gostos e comportamentos sexuais masculinos que o contato com a prostituta se torna impositor, a fim de se praticar fantasias sexuais que os homens não querem fazer com suas companheiras ou que são negadas por elas.

Interessante, neste sentido, foi um dado levantado por Matheus que, ao ser perguntado sobre a necessidade da prostituta, esclareceu

‘Necessidade realmente do prazer do sexo (???) do filme pornô, porque me foge o nome agora, dos anos 80, tem um estudo que comprova que quanto mais violento fica o sexo do filme pornô mais violento fica o sexo com as prostitutas. Aí caiu a ficha. Um amigo meu até comentou: “é lógico, como eu vou fazer uma barbaridade dessas com a minha mulher?”’

Tendo referido, em seu depoimento, a filmes pornô, aproveitei o ensejo para perguntar a Ramón se eles cumpriam uma função pedagógica.

‘Não chega a ser pedagógica. Mas, acredito, eu, que a primeira forma que o homem descobre o sexo é com o filme pornô. Tive um amigo que ficou com maior complexo: “pô, o pênis desses caras é gigante!” Foi conversar com a mãe dele. “Pô, como é que pode? O pique dos caras?!” E ele dizia que já tinha tido relação. “Os caras fodem lá 20 minutos e a minha relação foi 2 minutos e olhe lá!”’

Os filmes pornô contribuem para o culto priápico que se exalta em nossa sociedade. Faz parte da cultura masculina a preocupação com o tamanho do falo. A extensão do falo, neste sentido, é a própria extensão da virilidade. Fica claro, por outro lado, a orientação que os veículos de informação desempenham na construção da sexualidade e desempenho nas relações sexuais, estas, por sua vez, diretamente relacionadas à construção da própria identidade.

Ramón: (...) eu sempre fui muito tímido, muito, muito tímido. Nunca perguntei nada pra minha mãe, nada pro meu pai. Coisas relativas ao sexo, foram os amigos, revistas, revista de fotonovela que na época tinha. Tinha programas também, eu me lembro de um programa que tinha no “Multishow” na época que eu era adolescente. Mas era um programa que só simulava.

Bozon (2004) já declarara a importância dos filmes, enquanto *scripts sexuais*, para a definição da sexualidade e seus significados. Eles, assim como a literatura e a vida dos próprios indivíduos, têm como efeito principal a inscrição da “sexualidade numa dramaturgia” (p. 132). A sexualidade para o autor seria, então, uma dramatização orientada por esses *scripts sexuais*. Neste contexto, Ramón justifica o seu contato sexual com prostitutas enquanto casado

*‘Olha, eu te digo da época que eu passei no Nordeste, casado. Eu até brinco, eu conheci 20 pessoas, 20 eram casadas, só um era fiel. E mesmo assim digo que ele era fiel porque não traía na nossa frente, porque os outros todos iam pra sacanagem juntos. Todos eram mais velhos do que eu. Eu tinha 22 e todos trinta e poucos, quarenta. Na ideia deles e na minha também, que eu absorvi da deles, **a mulher da rua faz coisas que a mulher de casa não faz.** Então, é liberação sexual. Por exemplo, a minha mulher não fazia sexo anal e eu gostava, fui procurar na rua. Minha mulher não fazia várias outras coisas, acho que no manual de sexo dela tinha 4 posições só. Até porque eu sempre gostei de filme pornô, no filme pornô você olhava 217 posições e minha mulher só quer praticar quatro, então, acabava buscando na rua’*

Todos estes limites e diferenciações são impostos pelo fato do corpo da prostituta e o das companheiras serem concebido de maneira diferente. Enquanto o corpo da namorada ou cônjuge é representado como um corpo cujo acesso é regulado e interditado por claros limites, o corpo da prostituta representa, ao contrário, o seu avesso: é um corpo disponível, mesmo porque a especialização e a variedade do mercado coloca tudo à disposição do cliente.

Essa diferenciação e limitação da performance sexual feminina implica o não ajuste da relação entre o casal e sério obstáculo ao desenvolvimento da intimidade, que se baseia na necessidade de demonstrar anseios e necessidades em relação ao outro, ao mesmo tempo em que se está vulnerável a esse outro (Giddens, 1993, p.73). Neste sentido, restringir a sexualidade da parceira vai na contramão do relacionamento puro, indo de encontro e se enquadrando, por outro lado, na definição de amor romântico, que é por definição:

um amor sexual, mas [que] liberta a *ars erotica*. A satisfação e a felicidade sexuais, especialmente na forma fantasiada do romance, são supostamente garantidas pela força muito erótica provocada pelo amor romântico. O amor confluyente pela primeira vez introduz a ars erótica no cerne do relacionamento conjugal e transforma a realização do prazer sexual recíproco em um elemento-chave na manutenção ou dissolução do relacionamento. O cultivo de habilidades sexuais, a capacidade de proporcionar e experimentar satisfação sexual, por parte de ambos os sexos, tornam-se organizados reflexivamente via uma multiplicidade de fontes de informação, de aconselhamento e de treinamento sexual.

A delimitação entre o que é domínio da “puta” e o que é domínio da “mulher de casa” aponta para a permanência do corpo da prostituta como espaço para experimentação sexual. Neste sentido, brevemente e a título de exemplificação, uma vez que não constitui foco do trabalho, cabe dar voz às profissionais do sexo. Carmen Lúcia de Souza Paz, prostituta e acadêmica, compondo a mesa “Prostituição: os corpos como mercadoria ou a sexualidade como atividade econômica?”, por ocasião do Seminário “Corpos, sexualidades e feminilidades”, ocorrido na UERJ no dia 27/09/12, explicitou no que consistia o seu trabalho: *“Eu não vendo o meu corpo, senão minha cabeça rodaria a cidade. Eu vendo fantasias sexuais”*. Indianara Siqueira, prostituta e participante da REDTRANS complementa a fala: *“A gente não vende o corpo. Aluga um tempo para você satisfazer suas fantasias.”*

Afirmar que as prostitutas exercem a prestação de serviços especializados implica, necessariamente, trazer à luz a luta do movimento de prostitutas pela sua definição como profissionais do sexo. Essa definição permitiu uma nova abordagem do ofício e das praticantes dele, uma vez que a própria terminologia sugere um código de procedimentos a serem seguidos e certa especialização por quem os pratica.

Especialização e código deixam claro, ao contrário do que permeia parte do imaginário social, que o corpo da prostituta não é mudo e passivo. Da mesma forma que os músicos de jazz, prestadores de serviços brilhantemente estudados por Becker (2008), que geralmente não se identificam com o gosto musical dos clientes, atendendo a eles com certos limites, essas mulheres estão constantemente a colocar limites à atuação dos clientes em seus corpos, sejam eles reais ou simbólicos.

Leonardo: Os homens procuram a prostituta achando que ela vai fazer tudo; todas as fantasias sexuais, mas elas não fazem. Fazem, quase sempre, “papai e mamãe”. Os homens, no geral, procuram sexo anal, coisas que elas menos fazem [...] sexo oral, só com camisinha; preferem uma camisinha só e delas. [...] elas podem recusar, elas recusam homens.

A restrição da sexualidade e da corporeidade a que as mulheres se impõem ou são submetidas por seus parceiros denota a existência, no Rio de Janeiro, de uma tensão entre ruptura e continuidade. Quero dizer com isso, uma vez mais, que não há uma liberação sexual tão evidente, muito menos que perpassasse toda a cidade/sociedade. Apesar de receber, mundialmente, a fama de ser uma cidade “quente” em que reina uma atmosfera de liberdade sexual, ainda existem convenções e valores tradicionais muito fortes, sobretudo em áreas menos centrais.

Neste sentido, Gilberto Velho (2010, p.16), ao tratar da metrópole, heterogênea e complexa, afirma que

uma das principais características é a coexistência de diversos mundos sociais e correntes culturais que expressam diferentes modos de relacionamento e interação com a realidade, assim como múltiplos pertencimentos e identidades simultâneas. Certamente, há mundos mais restritos e estáticos e outros mais abertos e dinâmicos.

É dessa forma que o novo arranjo social advindo da reconfiguração tempo-espaco, da qual a pós-modernidade é depositária, permite, sobretudo no âmbito da cidade, uma multiplicidade de redes, trocas e contatos, o que interfere também no campo da sexualidade, promovendo, assim, a possibilidade de múltiplos arranjos sexuais. Além disso, a fragmentação da subjetividade e da sexualidade advindas da pós-modernidade, de que nos fala Stuart Hall (2005), possibilita o fim dos binarismos identitários, abrindo espaço, inclusive, para identidades contraditórias.

A mudança nas estruturas e instituições afeta o próprio processo de identificação – de projeção do eu em nossas identidades culturais- tornando-o mais provisório. O sujeito pós-moderno não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente. Ele assume identidades diferentes em diferentes momentos, que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente, abrindo espaço para uma multiplicidade de identidades *possíveis* com as quais podemos nos identificar, ainda que temporariamente. Descontinuidades, fragmentação, ruptura, deslocamento, identidades abertas, inacabadas, contraditórias e fragmentadas são categorias fundamentais para a compreensão e caracterização das novas identidades que surgem com a modernidade tardia (Hall, 2005).

Isto quer dizer que o mesmo homem que castra a sexualidade da sua parceira, ao negar a ela certas performances sexuais, pode desempenhar atividades na sociedade, por exemplo, que requerem dele um alto grau de engajamento e manejo no trato com o contemporâneo. A contemporaneidade permite, assim, que o mesmo indivíduo

desempenhe uma multiplicidade de papéis, por vezes contraditórios, sem que isso gere nele uma crise.

Por conseguinte, embora seja recorrente apresentar as sociedades contemporâneas pós-revolução sexual como porosas e abertas, por oposição às rígidas convenções e princípios das sociedades tradicionais ou ao modelo que Thales de Azevedo (1986) chamou de característico do complexo do noivado e do casamento, a análise do social demonstra permanências desse modelo tradicional na atualidade, apesar de haver afastamentos em alguns aspectos. No Rio de Janeiro, portanto, há uma estranha combinação de um fenômeno pós-moderno que prega a ausência de laços, ao qual Bauman chamou de Amor líquido (2004), com homens de mentalidade tradicional, que pagam às prostitutas para realizarem práticas sexuais que muitas vezes eles próprios interdita à suas companheiras.

4.3

A Prostituição e seus Significados

Como apresentado no Capítulo 2, no século passado, as prostitutas eram procuradas para garantir a honra das “moças de família” devido a uma pulsão sexual masculina incontrolável, que deveria ser saciada enquanto eles esperavam o tempo prescrito desde o namoro até o casamento. Mas e atualmente? A prostituta responderia a outras necessidades? O padrão tradicional de comportamento e a dicotomização dos sexos asseguraria a necessidade da prostituição a partir das mesmas justificativas do passado? A sua função teria sido resignificada na sociedade atual? Qual seria a funcionalidade da prostituta na contemporaneidade? Podemos mesmo falar de uma função? O que, de fato, procuram os clientes ao buscarem seus serviços?

Os dados obtidos com a pesquisa e fala dos informantes permitem, como examinado, observar que, embora as regras do amor e os caminhos a serem trilhados até a prática sexual terem se modificado e a virgindade não ser mais um valor em si, os homens continuam a procurar o contato sexual com as prostitutas por terem medo de conversar com suas companheiras sobre seus interesses sexuais, pela ausência de uma liberdade sexual feminina real, pelos interditos que os homens colocam à atuação sexual de suas companheiras, com referência a um modelo tradicional de mulher, e com vias a

satisfação de uma pulsão sexual que é naturalizada como inerente à própria condição de ser homem. No entanto, atualmente, essa pulsão deve ser satisfeita com a menor intimidade e envolvimento possível, como veremos adiante.

Assim, o papel que a prostituta cumpre atualmente apresenta alguns traços de permanência no que tange ao passado: dar vazão à potência sexual masculina irreprimível. Por outro lado, certas mudanças devem ser levadas em consideração, uma vez que a própria prostituição assume características mais específicas e condizentes com o contexto contemporâneo.

Se antes cumpria a finalidade de manter a honra das moças virgens e, assim, a normatividade da família burguesa, podemos dizer que hoje a finalidade está em manter a integridade do casamento e do sujeito que, “mesmo não precisando”, procura na prostituta um corpo em que possa descarregar a sua vitalidade sem que para isso tenha que desenvolver laços sólidos e relações estreitas.

Dessa forma, a preservação da família, por exemplo, é um traço de permanência que garante a necessidade da prostituta na atualidade, sobretudo para homens casados. Ou seja, a prostituta é uma alternativa para homens que querem ter contatos sexuais diversos, ao mesmo tempo em que buscam a ausência de laços, o controle, a autonomia e, assim, garantem a preservação de suas famílias.

Neste mesmo sentido, a motivação pela prostituta se dá, como ficará claro na próxima seção, pela aversão à perda de tempo. Isto quer dizer que se antes a prostituta era requisitada como forma de garantir, resguardar e doar tempo às “mulheres de família”, apesar das constantes investidas masculinas com vistas a romper limites com a mulher que deveria servir de esteio moral, hoje elas o são por esse motivo e por outro adicional: o horror de doar tempo, de construir laços, de efetivar um compromisso, atitudes que, neste contexto, se apresentam como “perda de tempo”.

A funcionalidade atual da prostituta indica a permanência de pontos de tradição, uma vez que a prostituta só é funcional no padrão tradicional. Como já indicado, isso denota os traços de convenção e modernidade que entrecortam a cidade.

Apesar dos traços de permanência, há de se destacar que a própria complexidade da sociedade contemporânea impõe mudanças à prática da prostituição. Neste sentido, a prostituição não é mais uma instituição total, ela não é mais confinada ao bordel. Ao contrário do século passado, em que as prostitutas deveriam se restringir às casas de

tolerâncias e bordéis, localizados em determinados pontos da cidade, atualmente, as prostitutas desfrutam de grande circulação, trabalhando em termas, em casa, atendendo, inclusive, via redes sociais.

A conquista de novos espaços, neste sentido, deve ser também objeto de análise. Se antes a prostituição da zona, em que muitas vezes o local de trabalho coincidia com o de moradia, era visto como baixo meretrício, o mesmo não pode ser dito da atividade das “garotas de programa”, que, da mesma forma, compartilham o local de trabalho e residência, mas que, no entanto, são consideradas “prostitutas de luxo”, residindo em pontos valorizados da cidade, cobrando altos valores pelos seus serviços, cursando as melhores Universidades. Contudo, ainda há dificuldades em estabelecer certos limites na caracterização do que é percebido como prostituição. Isso porque, recorrentemente, a palavra é utilizada não só para designar mulheres que têm relação em troca de dinheiro, como também aquelas que têm variados parceiros ou mesmo as conhecidas como “mercenárias”, mulheres que fazem uso das atribuições do corpo de forma a angariar ou conquistar seus interesses.

Entrevistadora: O que você acha que é prostituição?

Marcos: Quando a mulher faz sexo em troca de dinheiro ou em troca de alguma coisa.

Entrevistadora: Como você define prostituição? Prostituta?

Márcio: Seria a pessoa que presta qualquer tipo de serviço sexual em troca de qualquer tipo de coisa. Ou de um favor, ou de um dinheiro propriamente dito, de qualquer tipo de coisa. Mas eu não posso te afirmar, a minha linha de pensamento é essa. Porque é muito complexo, a gente tá falando de pessoas. Eu não sei o que faz uma pessoa se prostituir ou ter um relacionamento de fachada. A gente não pode condenar, ‘você faz isso, você é uma prostituta!’, tendo a prostituta como uma coisa negativa.

Entrevistadora: O que você entende por prostituição?

Tadeu: Acho que a palavra prostituição vem de vender ou alugar alguma coisa. Então, basicamente é isso: fazer o aluguel de um corpo ou vender o seu corpo.

Os informantes da amostra, em sua totalidade, se referem às casas de prostituição como “puteiros”, aparecendo, apenas em três casos, nomenclaturas como “Casa da luz vermelha”, “Casa das primas”, “prostíbulo”. No geral, o acesso às mulheres se dá através da ida em grupo ou desacompanhado a esses locais específicos.

Somente um informante, Matheus, declarou que “*quando está bizarro, quando está sinistro*”, através da busca na internet, encontra a prostituta mais próxima dele e se dirige ao local onde ela se encontra, seja a casa dela ou local de trabalho.

Matheus conta que essas situações ocorrem, geralmente, quando ele está trabalhando e se sente “fisiologicamente angustiado”. Por seu local de trabalho coincidir com seu local de residência, Copacabana, fica mais fácil acessar esses serviços, visto que o bairro é uma área urbana de grande concentração de prostitutas. A respeito, inserindo esta prática no contexto de uma prestação de serviços imediata, Matheus relata:

‘Vou no site, vejo a prostituta daquele prédio ali, falo: “vou ali rapidinho”, aí eu vou lá, faço o que tenho que fazer, alivia e volto a trabalhar porque tem horas que não dá mesmo, é questão fisiológica’

Quando perguntados sobre prostituição e o que leva uma mulher a se prostituir, praticamente em todas as falas são estabelecidas gradações com base em juízos de valor. Isto é, os informantes diferenciam e categorizam as prostitutas, basicamente, a partir das motivações que as levaram à atividade. Neste sentido, as que se envolveram na prostituição por “necessidade” são, no geral, vistas com mais simpatia do que as que o fizeram por opção.

Ramón: Antigamente, a maioria era por necessidade, vinha de família pobre, não tinha condição de se sustentar e caía nesse ramo. Hoje em dia não, a quantidade de mulher que você tem na internet, patricinha, filhinha de papai que se prostitui só porque quer vida fácil. Se prostitui de 10 às 17h e das 18h às 22h tá na faculdade.

Leonardo: Eu acho que são dois tipos de prostitutas: a que opta em estar ali, a que gosta de fazer aquilo e a que não encontrou outra forma de ganhar dinheiro a não ser aquilo. Uma que é obrigada, forçada, por causa de filhos e contas e as que gostam de fato.

Tadeu: Eu acho que ela se prostitui porque é a maneira mais fácil que ela encontrou ou talvez porque ela não tenha capacidade ou habilidade. Ou talvez não esteja preparada para assumir um trabalho ou talvez esteja estudando para querer ser uma outra coisa. Acho que é o dinheiro. É o dinheiro que leva elas a isso. É um dinheiro fácil. Querendo ou não é um dinheiro que é fácil.

Os trechos mostram como permanece no imaginário social a imagem da prostituta como débil e incapaz, que presta serviços sexuais por não poder ou saber fazer outra coisa. Ou ainda por não ter empenho ou esforço para o “trabalho de verdade”, optando, assim, por uma atividade “fácil”. É vista, na maioria das vezes, como implicação de uma vida infeliz ou como atividade temporária para acúmulo de dinheiro. Raramente se positiva a questão da opção e da preferência, antes, se insiste nas determinações das necessidades materiais para o desempenho de tal ocupação.

As prostitutas são ainda diferenciadas e hierarquizadas a partir do seu local de trabalho e do valor que cobram pelo programa. Nas falas, fica claro a categorização e estigma a que estas mulheres são submetidas devido à região onde atuam. Mais uma vez o conceito de Park (1979), a respeito da “Região Moral”, se aplica:

Gustavo: A maioria dos “puteiros” que você paga pra entrar, as minas são elitizadas e a casa paga exame. Agora se você vai numa Vila Mimosa dessa da vida, a casa não quer nem saber, só quer saber de ganhar dinheiro. Não se preocupa com a saúde dos clientes. Aí, eu evito de ir a esses lugares. Prefiro um lugar que pague pra entrar.

Matheus: (...) Então, vou classificar três níveis de prostituta: a prostituta mais barata, a mediana e a de elite. A prostituta de elite é bem variado assim, depende se a mulher for com a sua cara. A prostituta mediana, geralmente, não exige camisinha pro sexo oral. Agora a prostituta de baixo nível, justamente por lidar com muita gente, com muita gente suja, se você for na V. M., na Vila Mimosa, que é um lugar tosco, que a prostituta transa por \$30.00, elas só fazem sexo oral só com camisinha. Se puder, acho que só encostariam em você com luva. Ali é meio nojentto, ali é bizarro. Acho que tem essa diferença assim.

As gradações que emergem nas falas dos clientes a respeito da prostituta têm seu referencial no modelo tradicional de “mulher honrada”. Aqui, lhes aplicam o estereótipo da vítima, da mulher abandonada pelo marido, que precisa cuidar dos seus filhos. Sob esse rótulo elas incitam pena e são vistas com certa generosidade por alguns dos informantes. O outro tipo que aparece na fala são aquelas que se dedicam à prostituição por “luxo”. São chamadas pelos informantes de “patricinhas”, mulheres cujos pais pagam a faculdade e o apartamento, mas mesmo assim querem ter uma “vida fácil”. Essas são vistas com pouca ou nenhuma piedade pela maior parte dos informantes, ao contrário, são designadas através de atributos hostis como “retardada” ou

“ninfomaníaca”. Neste sentido, como no século passado, são classificadas como doentes e degeneradas.

Ramón me falou, várias vezes ao longo da entrevista, de sua preferência pelas prostitutas que vieram “de baixo”, gostava delas, gostava de passar tempo conversando com elas e ouvindo suas histórias. No entanto, toda essa benevolência e gentileza mudam bruscamente no tom de voz e expressão quando é convocado a falar das meninas que não se prostituem por necessidade. Ele as chama de “patricinhas”, diz que não querem trabalhar, que não têm disposição para pegar um ônibus e gastar 8 horas do seu dia com trabalho digno. Preferem a “vida fácil”:

Entrevistadora: E o que você acha disso? Da mulher que não precisa materialmente, mas faz isso por opção?

Ramón: Ou ela é ninfomaníaca ou ela é uma retardada. Vive na preguiça, não quer trabalhar.

4.4

Construções e traços de masculinidade

Nesta seção apresentarei, como o título indica, traços e construções a respeito da masculinidade que puderam ser observados e delineados a partir do discurso dos clientes acerca da prostituição e do contato com prostitutas.

Cabe, uma vez mais, esclarecer que o que pretendo fazer é uma tipologia de grupo. De forma alguma há uma intencionalidade em homogeneizar ou reduzir todos os homens a um padrão de masculinidade. O objetivo, portanto, é, partindo de uma rede de homens que formam um grupo mais ou menos homogêneo, descrever e delinear como a masculinidade se afigura e se manifesta no grupo em questão. Neste sentido, há de se deixar claro que, entre os próprios membros da amostragem, há diferenças na modulação do discurso. Variáveis como faixa etária, local de residência e grau de escolaridade são de grande importância para se entender as divergências no discurso do próprio grupo. No entanto, para fins que se pretendem esse trabalho, foram privilegiados os aspectos em comum, como vistas a se observar, a partir da congruência, quais traços de masculinidade se evidenciam.

O discurso acerca da sexualidade, que aparecem nas entrevistas, é um importante recurso na reconstrução do imaginário masculino, uma vez que para os homens a correlação entre a esfera sexual e o gênero masculino é fundamental e proeminente na construção da subjetividade e do sentido de eu, do self. Fator que, sem dúvida, é consequência de “valores e práticas sociais” que “modelam, orientam e esculpem desejos e modos de viver a sexualidade, dando origem a carreiras sexuais/amorosas.” (Heilborn, 1999, p.40)

4.4.1

“O homem tem a necessidade de se aliviar sem compromisso”

*Amor líquido: com prazo de validade
Com garantia em defeitos de fábrica
Amor fácil, sem saudade.*

Amor líquido: descompromisso... tanto faz...

*Amor líquido: customize sua paixão agora
Escolha os olhos, cor e cabelo
Programa a hora de jogar fora.*

*Amor líquido: saliva, sexo, suor.
Vista suas roupas logo.
Dê o fora, me deixe só.*

*Amor líquido: diga seu nome se quiser.
Troque carícias comigo
Mas esconda teu rosto se puder.*

*Amor líquido: queda, precipício.
Belo novo mundo...*

*Amor líquido: fogo sem calor.
Tudo menos.. tudo menos... tudo menos amor.*

Caos restrito

A frase que abre a seção é de Ivo¹³, morador de Nova Iguaçu, solteiro, 18 anos e recém egresso do Ensino Médio. Ela foi dita em resposta à pergunta: “Por que os homens procuram as prostitutas?”. Como se verá, Ivo não é o único com esta opinião. Ao contrário, a frase é bastante emblemática visto que a maioria esmagadora dos entrevistados afirma o mesmo motivo: a prostituta atende às suas necessidades imediatas ao mesmo tempo em que assegura a ausência de laços.

¹³ Entrevista informal realizada em Nova Iguaçu. Os amigos do informante – David e Ícaro - também participaram da conversa.

Ao ser perguntado por que o serviço da prostituta é interessante, Luan¹⁴ de 23 anos, solteiro, morador de Realengo, Estudante de Educação Física e personal trainer, responde:

‘É uma relação extremamente comercial. Quando você se envolve com uma mulher que não seja uma prostituta, por mais fácil que ela seja e você sinta atraído só pelo corpo, você tem que mostrar alguma característica sua e isso já é um envolvimento. Com a prostituta não. Diria até que é um escambo. Você dá o dinheiro que ela quer e ela o corpo.’

Em resposta similar, Leonardo explica porque gosta de freqüentar prostitutas, explicitando como com a prostituta há uma queima de etapas, que começa no flerte, passa pela conquista e termina com a ligação no dia seguinte:

*‘É pela simplicidade, o que você quer atender, a hora que você quer, você tem. Por isso. [...], a prostituta ela é a mulher perfeita pra você gozar. Que você pode pegar e amanhã, no outro dia, você não é obrigado, você não tem que ligar pra ela. E ela não vai te procurar, sei lá, ou encher seu saco. Você vai pagar. Quando você quer você tem e quando não quer você não precisa estar com ela **por obrigação**. Por isso que muita gente gosta, muita gente que prefere.’*

O homem se sente na obrigação de fazer a corte. Ele acredita que a mulher espera dele uma posição desse tipo. Dentro desse ritual de interação, o homem acredita que a mulher sempre espera uma atitude dele em relação a um posicionamento no flerte ou no namoro. Neste caso, ele próprio se sente constrangido e obrigado a adotar determinadas posturas, inclusive o encontro ou contato posterior à relação sexual.

Outras opiniões são bastante similares:

Ícaro¹⁵: Se ele não quiser gastar tempo com uma mulher, ele vai procurar a puta, que ele só gasta dinheiro e não tempo.

Rivaldo: Tem mulher que o homem fica tentando conquistar só pro sexo, só pro sexo. Então, ele vai. Às vezes se estressa. Sai pro lugar, vai pra fila comprar o ingresso do cinema, depois sai pra jantar, depois não sei o quê, depois não sei o quê... isso tudo pra ter o sexo. A prostituta você cortava um caminho enorme, entendeu? Praticidade também. É isso.

¹⁴ A entrevista de Luan não apresenta dados mais sólidos por ser fruto de uma conversa informal. Luan é um antigo amigo de bairro.

¹⁵ 18 anos, sem profissão, solteiro, morador de Nova Iguaçu. Entrevista informal realizada em Nova Iguaçu. Os amigos do informante de Ícaro – David e Ivo - também participaram da conversa.

Matheus: Eu acho mais cômodo. De duas uma: se eu quero só sexo, eu prefiro com a prostituta porque é mais cômodo e menos chato mesmo. E é mais barato também. Se eu tô de bobeira, entre sair, gastar \$50.00 numa boate, ouvir musica chata, conversar com uma mulher alienada, idiota e depois ir pra um Motel. Pô, que trabalho! É muito melhor ir ... Se eu quero só sexo, vou atrás de sexo. Vou gastar menos, me estressar menos.

Os trechos destacados evidenciam a preferência dos homens de, eventualmente, gastarem mais em termos materiais com as prostitutas, desde que economizem em afeto e cortesia com outras mulheres. Chamo de Economia Simbólica essa disposição masculina contemporânea pela busca imediata da satisfação sexual, com o mínimo envolvimento interpessoal e sem nenhuma construção de laços que culmina no relacionamento sexual com a prostituta.

Ramón: (...) Tenho muitos amigos que falam: “ Pô, se eu conhecer uma gatinha aqui, aí pego ela na casa dela, aí levo ela pra jantar, 100 conto. Aí levo ela pra um bar dançar, 150 conto. Depois vou pro Motel com ela. Gastei em uma noite \$ 500,00. Ah! Eu vou pra porra do puteiro que eu arrumo uma mulher por 2 horas e gasto \$250,00”. Tenho vários que já falaram isso. Vários. É mais prático.

É notável nas falas dos homens o anseio por praticidade e economia de tempo. A intenção é puramente sexual e visa apenas à satisfação imediata do desejo sexual. Não há verdadeiramente um interesse em se conhecer o outro, em se desenvolver uma relação interpessoal. Dessa forma, as horas passadas com a pessoa são contabilizadas em termos mercantis e convertidas em horas perdidas. Vale mais, então, otimizar o tempo, encurtando os estágios da conquista, gastando menos e chegando mais rápido ao clímax. “As relações amorosas se tornam apenas um meio de obtenção imediata de prazer sexual, e de modo algum uma genuína interação interpessoal, pautada pelo respeito e pela afirmação do valor humano do outro” (Bittencourt, 2013, p.16)

Fato que ilustra a ausência de um real interesse pelo outro e esclarece bem o que Bauman chama de “amor líquido” foi o relato por Luan. Durante uma conversa informal, Luan me contou, com um misto de surpresa e descontração, que um amigo seu havia conhecido uma moça na “pista” de uma casa de show. Na ocasião, ele a convidou e a conduziu para o camarote, pagando a sua entrada e todas as suas despesas. A moça, então, ao final da noite, foi para casa do amigo de Luan, que era distante da sua residência. Chegando lá, Luan relata que a moça não quis ter relações sexuais com seu

amigo, fato que o levou a expulsá-la de sua casa, altas horas da madrugada, em um lugar que ela sequer conhecia.

Esse episódio ilustra o extremo que a busca por imediatismo pode atingir. Ao contrário de um relacionamento isento de interesses, todas as práticas e intencionalidades do rapaz já estavam previamente calculadas e previstas. A sua relação e dádiva (Mauss, 1974) não estavam pautadas na empatia ou carinho, ao contrário, se manifestaram com base em seus interesses individuais. Uma vez que sua satisfação sexual não foi atendida, o rapaz coloca a moça para fora, “desconectando-se” dela e demonstrando toda a intenção implícita na sua cortesia. O seja, a atitude do rapaz evidencia o seu ressentimento com a não retribuição sexual da moça pelo seu “investimento”, revelando uma espécie de contrato implícito estabelecido entre ambos e desvendando as expectativas de papéis (Goffman, 2011) que envolvem as relações.

A respeito desse cenário atual, Bittencourt (2011, p.16) nos fala:

As pessoas se tornam coisas que podem ser adquiridas, consumidas e descartadas ao gosto do usuário, trocando-o por outro que aparentemente se demonstre como mais ‘interessante’ no momento. Nessa dinâmica existencial, ninguém é considerado insubstituível e toda ideia de singularidade se torna um argumento vazio.

Enquanto o corpo da companheira/namorada/esposa é acessado através da polidez e do carinho, o acesso ao corpo da prostituta/ “mulher da rua” se dá via dinheiro. O dinheiro, dessa forma, substitui em termos práticos os gastos de tempo, afeto e cortesia. Mais, em um contexto em que a conexão não é bem-vinda, o dinheiro garante a impessoalidade e ausência de laços. As intenções já estão postas desde o início e não deixam margem para uma interpretação errônea.

Leonardo: E tipo, a mulher que é fácil assim, de uma forma ou de outra você acaba gerando um vínculo. E pra grande maioria dos homens isso é ruim. As mulheres que não são de “puteiro”, você fica com ela, mesmo que ela possa ficar com outro aqui, você cria um vínculo, você cria alguma coisa por ela, um telefone, alguma coisa que você possa encontrar de novo. E a grande maioria dos homens não quer isso.”

Sobre essas novas formas de se relacionar que se pautam, justamente, na ausência de laços e na falta de compromisso, Bauman (2004, p.11-12) traça um panorama

Diferentemente de “relações”, “parentescos”, “parcerias” e noções similares – que ressaltam o engajamento mútuo ao mesmo tempo em que silenciosamente excluem ou omitem o seu oposto, a falta de compromisso -, uma “rede” serve de matriz tanto para conectar quanto para desconectar; não é possível imaginá-la sem as duas possibilidades. Na rede, elas são escolhas igualmente legítimas, gozam do mesmo status e têm importância idêntica.”

[...]

Diferentemente dos “relacionamentos reais”, é fácil entrar e sair dos “relacionamentos virtuais

No caso de homens casados, o dinheiro compra não só a ausência de laços como também a transgressão e a traição, preservando, assim, a autonomia do homem. A ele, então, se torna possível sair da rotina ou apimentar o casamento sem ter que passar pelos possíveis conflitos e expectativas que exigiriam o relacionamento extra-conjugal. Neste contexto, a procura pela prostituta é de certa forma aceitável e até preferível pela própria mulher do cliente. Isto porque, no imaginário social, a prostituta é aquela que se deita com vários homens desenvolvendo com eles relações estritamente comerciais. A ameaça maior se encontraria, então, na amante. Esta sim, com a possibilidade de desenvolvimento de laços afetivos, poderia ameaçar a integridade do casamento. A prostituta, então, resolveria os problemas sexuais, garantindo, ao mesmo tempo, a manutenção do matrimônio.

Quando perguntado por que gostava de transar com prostitutas, Álvaro¹⁶, 54 anos, casado, Agente dos Correios, residente no Méier, responde:

Álvaro: Não tem compromisso, né? É um negócio que a gente tá pagando e amanhã não tem ninguém atrás de você, te perturbando. “Você é meu namorado, não sei o quê...” Se bem que na minha época não era assim, mesmo você tinha amante, você ficava 10 anos com a amante e largava e ficava por isso mesmo. Dava pensão se quisesse, mas no dia hoje, atual, você tem que dar pensão, mesmo você não tendo filho com a mulher, ficar 2 anos com a mulher, você tem que dar pensão [...] Então, o

¹⁶ Álvaro tem o Ensino Médio completo, trabalha na Zona Sul e é casado há 32 anos, tem 2 filhos e 2 netos. Ele conhece Pedro, Rivaldo e Tadeu. Sem dúvida, Álvaro foi o mais falante e bravateador de todos os informantes. Ele se destaca pelo excesso da fala e pela segurança. Sempre falando além do que lhe foi perguntado, a entrevista com Álvaro foi a que teve maior duração. Bonito, sambista e com um jeito bastante jovial, Álvaro, sempre muito à vontade, não se intimidava ao falar das suas inúmeras aventuras sexuais e do quanto gostava com elas; aventuras que poderiam ser com prostitutas ou não. A entrevista foi acompanhada de muitas cervejas, que o informante, insistentemente, me ofertava e que fez questão de pagar. Não apenas as bebidas, como também os olhares “sugestivos” do informante estiveram presentes. Olhares, cantadas, brincadeiras de conotações sexuais foram dados que se destacaram na entrevista. Por fim, explicitamente o informante me convidou para “acompanhá-lo” ao Motel. Álvaro teve seu primeiro contato sexual aos 11 anos com a “empregada” de sua mãe. Aos 17 anos teve a primeira experiência com prostitutas, sendo levado por seu irmão mais velho. Desde então, não parou de ter relações sexuais com as “profissionais do amor”.

homem procura mais esses lugares assim, prostituta, porque não tem compromisso. Vai, faz, acaba e vai embora.

Entrevistadora: Então, há diferença entre a prostituta e a amante?

Álvaro: Com certeza, a amante, às vezes, tira até o cara de casa, sabendo ser amante também, né? Tem amante que não sabe ser amante.

Entrevistadora: Você acha que a prostituta não ameaça o casamento?

Álvaro: Não ameaça, a não ser que você se apaixone.

Resposta similar é também apresentada por Ramón.

‘Acho que é por isso até hoje o homem busca puta e não busca na rua, normal. Não tem compromisso. Você é casado, você sai com uma puta, você fode uma noite, acabou. O homem, normalmente casado, busca “ah, eu quero fazer alguma coisa diferente!” Bom, mas eu vou pra rua, corro o risco de arrumar uma amante; aí corre o risco de se apegar. O homem é muito aquele negócio... eu posso, mas a mulher não pode. Ele prefere sair e dar umazinha, comer uma mulher de quatro porque a mulher dele não dá de quatro do que alguém dar mole pra ele na rua, trocar telefone, pegar telefone, sair uma, duas, três, dez vezes e acabar ter sentimento. Aí realmente tá traindo, que o homem pensa: “pô, não, se eu fui num puteiro, voltei pra casa, eu não trai a mulher”. Eu pensava assim, mal ou bem não tem relação. Não tem nada de sentimental. Que nem uma vez na vida eu arrumei uma amante, sai uma vez, a segunda, a terceira, quarta, a décima. Aí já tinha um “oi, amor!”, aí é diferente, aí incomoda mais o homem. ’

Márcio, amigo de Ramón, também exhibe a mesma opinião

‘Com a prostituta você se sente mais seguro por um seguinte sentido: Ela provavelmente não vai te procurar novamente, você que vai ter que procurar ela. Seria um relacionamento extraconjugal que você não teria tantos riscos. Você que vai ter que procurar ela. Às vezes, você se sentiria até melhor com outra mulher, mas ela pode chegar e te cobrar também, pode colocar em risco o seu relacionamento. ’

Dessa forma, podemos notar o papel do dinheiro na compra da transgressão e garantia da tranquilidade masculina, resguardando os homens casados das possíveis complicações que um relacionamento com uma amante poderia causar ao seu matrimônio. A relação mediada pelo dinheiro assegura um contato ausente de compromisso entre as partes. Neste sentido, para um sexo casual, os homens preferem as prostitutas às amantes. Aquelas conferem prazer, sem para isso exigirem um envolvimento emocional. Elas asseguram a manutenção de uma relação que já não é mais saudável ou favorável sexualmente, sem ameaçar os vínculos do casal e autonomia do homem.

Ao ser perguntado sobre a necessidade das prostitutas, Leonardo esclarece:

‘Salvar casamentos. Já vi muito pessoas casadas e revoltadas com a esposa conseguir se desestressar no “puteiro” ou o sexo já não estava tão bom com a esposa, conseguir manter o casamento fazendo sexo com a prostituta, conseguir levar o casamento dessa forma. Até muitos já vi conversando, a prostituta dando conselhos pro cara, pro casamento dele. Mas, acho que às vezes quando o cara tá muito revoltado ou já não tem transado com a esposa ou pelo menos com tanta frequência, todos os homens, não sei se todo homem, mas muitos homens têm mais necessidade de sexo do que a mulher e acaba procurando na rua. Acho que assim consegue, não sei se manter bem, mas prolonga, pelo menos, o casamento.’

Como fica claro, o dinheiro desempenha um papel fundamental na relação cliente-prostituta. A impessoalidade do dinheiro, de que nos fala Simmel, é transferida para o corpo da prostituta e, assim, garante a autonomia masculina e o seu não envolvimento. O dinheiro, uma vez mais substituindo o afeto e a cortesia, torna o corpo feminino impessoal de forma a garantir a tranqüilidade masculina.

Mais uma vez encontramos uma configuração cheia de contradições. Como o homem que dorme com o viado, o que dorme com a puta ou piranha de maneira alguma arrisca sua própria situação social. Ao contrário, interpretando o papel do machão, possuindo-a, ainda que brevemente, ele confirma a sua masculinidade. Para ele a puta torna-se um objeto importante de desejo, reforçando uma visão particular dele mesmo e de seu lugar no universo sexual. Para a família dela e para os outros indivíduos em cujas vidas ela toca, entretanto, é vista como agente de destruição, como mulher que ‘come’, que desvia homens, famílias, tudo o que encontra no caminho (Parker, 1991, p. 85)

No Seminário, referido anteriormente, Carmen Lúcia apresentou uma fala bastante emblemática dos motivos que levam os homens casados a buscarem contato sexual com prostitutas:

‘ 90% dos clientes são casados. Os homens não vão para gozar, vão para satisfazer fantasias sexuais ou porque são casados e não querem comprometer seu casamento com uma amante, uma mulher que vá pedir para ele pagar as contas, a creche das crianças; que vá bater na casa dele...’

Justamente por ser uma prestação de serviços que envolve a satisfação imediata dos desejos sexuais e a impessoalidade do corpo no qual se tem o contato sexual que o pagamento deve ser antecipado. Falando da necessidade de se cobrar antecipado, “senão dá muita dor de cabeça, tem que correr atrás”, Indianara Siqueira utilizou alegoricamente a expressão “Dinheiro na mão, calcinha no chão” para ilustrar a situação.

É importante ressaltar que o estudo em questão tem como pano de fundo o Rio de Janeiro, metrópole contemporânea de grande circulação e complexidade, em que figura o anonimato. Os informantes, embora alguns deles residam no subúrbio, são pessoas que circulam pela cidade. Não sendo, portanto, indivíduos que ficam reclusos a apenas um ponto ou região da cidade. Quero dizer com isso que o panorama que apresento, assim como as formas de ação e pensamento dos homens que o compõe, poderia não ser o mesmo para outro meio, como o rural, por exemplo.

Tratando das cidades urbanas como território de correrias, Machado Pais (2010) observa que a cotidianidade urbana tem ganhado novas configurações, que se exprimem na constante falta de tempo das pessoas e nas novas modulações sensitivas do espaço urbano. Esse imediatismo, a necessidade de se fazer várias coisas com o mínimo de tempo, a mudança do paradigma da lentidão para a do encontro interferem diretamente sobre o corpo e sua modulação. O corpo, dessa forma, se apresenta como um texto, através do qual podemos imputar uma significativa leitura do social.

É assim que Machado Pais (2010, p.23) promove uma

leitura do social contemplando o corporal, ou seja: a sociedade mostra-se como é através das atitudes corporais [...] Com todos esses atributos o corpo fala de subjetividades e de convenções sociais. Assim sendo, o corpo é mais do que uma metáfora da sociedade. É uma forma de a ler, na medida em que a sociedade é uma composição dos corpos que nela se inscrevem.

Para o autor, a contemporaneidade também provocou um desfacelamento do padrão de virilidade antes exultado. Com a pressa do cotidiano e com o “nervosismo” das cidades, torna-se cada vez maior o número de homens que sofrem de ejaculação precoce e apresentam problemas de ereção. Dessa forma, essa virilidade masculina baseada em determinado desempenho – performance- e que servia de modelo, em consequência de sua falência prática, abre espaço para o reconhecimento de um maior protagonismo da mulher e sua liderança nos relacionamentos sexuais. Talvez essa atuação compartilhada, que desloca a produção do prazer e a condução do ato sexual sob a exclusividade do homem, como uma forma de reação, gere a necessidade da afirmação masculina machista e agressiva através de simbolismo, como os adesivos de carros, que alimentam o imaginário social e criam um estereótipo e formas de condutas.

Observamos, dessa forma, que juntamente com a contínua e rápida reconfiguração dos encontros e trocas, o tempo da sexualidade e do encontro sexual

também se altera. Tem-se, então, um novo cenário sexual que não se pauta mais por determinados rituais que envolvem outras temporalidades, certas regras de cortesia e compromisso a longo prazo e que antecedem a prática sexual. Os laços não são mais sólidos e os protocolos sexuais que conduzem e legitimam a relação sexual se reestruturaram, não havendo mais obrigatoriedade social de se percorrer todos os estágios para a consumação do encontro amoroso: namoro, noivado e casamento.

É neste sentido que expressões como “comodidade”, “praticidade” e “imediatismo” aparecem com frequência nas falas dos rapazes, expressando suas expectativas no que tange ao sexo. Essas expressões apareceram com maior recorrência nos discursos de Márcio, Matheus e Ramón que, como citado, apresentam semelhanças e afinidades de pensamentos e comportamentos por serem amigos. Neste sentido, esse tipo de relação estabelece uma conexão fundamental para a modulação do discurso.

Entrevista: No geral, por que você acha que os homens procuram a prostituta?

Márcio: Eu acho que é muito uma questão de comodidade. De praticidade. Eu quero sexo agora. Independente se minha mulher quer ou não quer, eu quero sexo agora. E alguém vai querer sexo agora comigo, entendeu? Uma prostituta ou não. E a prostituta seria a forma mais fácil

Entrevistadora: Por que você gosta de transar com prostitutas?

Ramón: Pela facilidade, pela praticidade, pela ausência de compromisso. Quando você tá casado, namorando, totalmente pela ausência de compromisso.

Entrevistadora: E quando se está solteiro?

Ramón: Pela praticidade, pela facilidade do que você ir pra rua, conhecer alguém. Dali de você conhecer alguém até ter relação. Às vezes você tá com necessidade e quer ter sexo.

Entrevistadora: Acha que a prostituta é necessária?

Matheus: Sim. Prazer. Entretenimento. Eu prefiro mil sair com uma prostituta do que perder meu tempo, 3 horas, com uma patricinha alienada convencendo ela de que quero ficar com ela.

Bauman (2004) afirma que essas conexões – “relações virtuais”- formam um tipo de relacionamento que condiz com o “líquido cenário da vida moderna”, em que é esperado que as “possibilidades românticas” apareçam e desapareçam o mais rápido possível, substituindo-se sempre pela que aparente ser a mais satisfatória.

Por fim, podemos dizer que prostitutas e clientes dialogam a partir de um mercado afetivo-sexual. A liberdade que as prostitutas vendem não é apenas sexual, mas também afetiva e emocional. E os homens a compra, uma vez que entendem que as mulheres sempre os querem para um compromisso mais sólido e efetivo. Nesta dicotomia entre amor e sexo, a sexualidade se impõe.

4.4.2

“Enquanto houver cavalo São Jorge não anda a pé”

Embora característico do século anterior, o discurso acerca das necessidades fisiológicas do homem, da sua constante busca pelo prazer e da sua potencialidade sexual que não se esgota ainda é levantado pelos homens como motivação para a procura por prostitutas, uma vez que, como vimos, a esfera sexual e sua afirmação são fundamentais para a construção da identidade masculina. Essa procura também pode ser motivada, no caso de homens casados, como um escape necessário para a manutenção de um matrimônio que não é mais interessante sexualmente, sobretudo no caso de mulheres que impõem aos seus cônjuges a abstinência sexual.

Perguntado sobre a motivação que o levava ao sexo com prostitutas, Ícaro explica que *“Mesmo o homem mantendo uma relação séria, que é necessário, de vez em quando é necessário que ele tenha uma aventura.”*

Faz parte da construção do masculino justificar a traição a partir da autoidentificação de uma sexualidade irrefreável. De um desejo sexual que não dá para conter:

Entrevistadora: Você disse que sua mulher só fazia “papai e mamãe”. Você casado se relacionou com prostitutas?

Ramón: Sim. Não só por causa disso. Muito também tinha do meu ramo. Meu ramo era 2 dias em casa, 3 meses fora. 1 semana em casa, 1 mês fora. Trabalhando, conheci 17 estados. O pião quando chegava na cidade, a primeira coisa que ele descobria era o hotel mais barato. A segunda era onde tinha a casa da luz vermelha. A gente não chamava nem de prostíbulo, nem nada. Era a casa da luz vermelha. E era realmente, porque era muito lugar de interior, então era realmente casa da luz vermelha. Uma casa que era normalmente identificada com uma lampadazinha vermelha. E o que eu via ali era tudo homem, que tem aquela masculinidade, que precisa ter relação e tá uma semana, 3 meses, 2 meses longe da família e ia procurar diversão no “puteiro”.

Observa-se nas falas, portanto, que há uma necessidade, ou seja, uma imposição da virilidade masculina que coage os homens ao contato sexual com outras mulheres sejam elas prostitutas ou não. Isto nos indica que a sexualidade predatória e sem limites faz parte da representação do que é ser homem.

Sobre esta disposição nos fala Heilborn (1999, p.46)

[...] culturalmente fabricada, não é de fato alcançada por todos os sujeitos, mas se integra como um dos elementos que definem a masculinidade: uma disposição ativa para o sexo e o desejo de exploração de suas múltiplas possibilidades.

Esta disposição ativa e desejo de exploração sexual é dinamizada de tal forma, que alguns informantes chegam a inseri-la no campo da patologia. Utilizando a metáfora do vício, é equiparada à dependência, a algo que foge ao racional e que, portanto, não se pode conter.

Entrevistadora: Por que você acha que os homens procuram prostitutas?

Pedro: Na faixa etária de 19 a 25, vai mais pelo conhecimento do sexo ou contato com o feminino. E uma pequena classe porque já é “aviciado” mesmo. Tem esposa, ama, mas só faz sexo lá na prostituta e ela já tem esse cliente certo.

O militar Gustavo tem a mesma percepção

Entrevistadora: Você falou que tem uma “senhora”. Você transa com prostituta mesmo estando com ela?

Gustavo: Sim

Entrevistadora: Por quê?

Gustavo: Por causa de vício. Já se tornou um vício. Às vezes, eu vou pra puteiro só com o intuito de zuar. Mas não acontece. Eu acabo transando

(...)

Gustavo: Enquanto houver cavalo São Jorge não anda a pé. Enquanto tiver puteiro no mundo, sempre vai haver alguém frequentando.

4.4.3

Sexo pago? Só por opção, nunca por necessidade!

A pesquisa revelou um padrão de resposta, quase sempre uniforme, no que tange à motivação masculina para a relação sexual com mulheres pagas. Sempre que podem, os homens deixam claro que procuram os serviços sexuais das prostitutas **não pela falta de opção**, mas porque é necessário aliviar a tensão sexual, realizar fantasias, ter contato com outros corpos femininos etc.

Parece que embora o homem pague pelo sexo, e em muitos casos até o prefira, há alguma coisa no sexo pago que o constrange quando o recurso a ele, de alguma forma ou em algum sentido, evidencia alguma limitação da sua virilidade ou performance na conquista. Tem que se deixar claro, portanto, que o sexo pago é uma **opção consciente, uma escolha racional** e não consequência, por exemplo, da sua falibilidade no desempenho sexual ou na aproximação com as mulheres.

Nenhum dos entrevistados relatou carência, solidão, dificuldade social de se relacionar. Mais recorrente é falar de fantasias, pulsão sexual, extinto. Quem procura a prostituta por necessidade é sempre o *outro*, o amigo. E ele a procura por ser “feio” ou “mal cheiroso”, ou seja, estigmatizado socialmente. Além disto, falta-lhe a potência sexual que garante ao homem autonomia e lhe permite “conectar-se e desconectar-se” dessa relação quando e como quiser. Por isso, é o *outro* que se apaixona pela prostituta, se tornando entre os amigos, por vezes, alvo de chacota. Se a relação com a prostituta serve justamente para garantir a ausência de laços e compromisso, esperar alguma coisa dessa relação ou se envolver é um engodo.

Há uma diferenciação, observa-se, dentro do próprio imaginário masculino entre aqueles que só conseguem ter relações sexuais via sexo pago e aqueles que o busca como alternativa.

Gustavo: Tem muito amigo meu que vai à “puteiro” pelo fato de não arrumar mulher e isso é ruim porque acaba querendo se envolver com essas pessoas, com prostitutas. Tem um colega meu que sabe disso, que montou uma casa pra mulher e a mulher saiu fora, deu um golpe nele, mas acho que os homens vão no “puteiro”, mesmo, para se sentirem num ambiente masculino, se sentirem bem à vontade.

Entrevistadora: Mas, me fala mais sobre esse seu amigo...

Gustavo: Baixinho, gordo, parecia o pinguim do Batman... aí, ia lá, bebia e acabava se envolvendo. Como ele acabava pagando, as mulheres acabam querendo fazer ele se

sentir bem e isso foi aumentando o ego dele; ele é carente, juntou uma coisa à outra e acaba confundindo as coisas.

Matheus descreve, de forma semelhante, os homens que precisam, por falta de escolha, do serviço das prostitutas:

‘Eu acho que é a questão física. Às vezes os caras são gordo mesmo, ou sei lá, o cara se acha tosco. Às vezes, o cara não é do padrão de beleza e sai num lugar tosco, cheio de “patricinha”, realmente não vai pegar ninguém ali. Ai o cara fica nessa 1 ano, 6 meses e começa nessa: “Pô, só consigo pegar mulher se eu pagar!”’

Esses trechos elucidam como a construção da identidade masculina passa, entre outros, pela afirmação de potência. Neste sentido, não só potência como sinônimo de vigor ou energia sexual, mas potência como atribuição de quem tem poder. Isto é, poder de escolher a prostituta como opção, visto que o homem potente pode, sempre que quiser, ter acesso a outras mulheres.

Na construção do gênero masculino, a despeito das significativas diferenças de classe, há um patamar compartilhado que se refere a certos contornos culturais da sociedade brasileira: o manejo da atividade sexual por parte dos sujeitos é capital para a constituição de suas identidades de gênero. (Heilborn, 1999, p.43)

É claro que algumas questões, decorrentes da limitação intrínseca à própria pesquisa, não podem deixar de ser levantadas: o discurso sobre potência e sua afirmação pode decorrer, em algum sentido, do fato da entrevista ser realizada por uma mulher jovem? Esse discurso elucidava uma defesa, limites estabelecidos pelos próprios homens ao falarem sobre relações sexuais pagas com outra mulher que não é prostituta?

Parece que os homens estão, a todo tempo, preparados para se defenderem sob o discurso da opção. Neste sentido, a opção aparece como uma alternativa ao mundo contemporâneo, uma vez que, ao lançar mão deste discurso, o cliente ressignifica o estigma, positivando-o. Isto quer dizer que ao expor a preferência por prostitutas, como alternativa, o homem afirma a sua potência e nega atributos que possam conferir à sua pessoa o caráter de estigmatizado social e, assim, não apto ou preparado para as conquistas sexuais.

Diante do exposto, destaca-se a permanência de um modelo de masculinidade que pressiona, constrange e coage os homens: o desempenho sexual como obrigação. O discurso da opção traz à luz a imposição, constante e permanente, a qual os homens estão submetidos de dar a todo tempo provas da sua masculinidade, virilidade, potência sexual e conhecimento da arte erótica. O fantasma da falibilidade é derivado do privilégio masculino que “é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contensão permanentes, levadas por vezes ao absurdo, que impõe a todo homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade.” (Bourdieu, 1999, p.64).

Um exame mais atento dos discursos, no entanto, nos permite observar que, escondido sob o véu da potência, muitos homens procuram as prostitutas por apresentarem dificuldade social de se relacionar. Ou seja, em muitos casos, a dificuldade na conquista, na aproximação e no trato com a mulher é o que leva os homens a estabelecerem contatos sexuais com as prostitutas. Medo, timidez ou qualquer outro fator que intimide o homem, não importa, será resolvido com prostituta e, em muitos casos, velado pelo discurso da opção.

Pedro: A galera é mais um disfarce porque é “zuação”. Mas no fundo é timidez, tem homem que só pega mulher se for no “puteiro”. Não tem essa dicção de dar o papo, tem medo da sua reação, então lá não existe isso. Ele tem até esse papo, mas ele sabe que tem esse papo porque tá pagando. E a prostituta que tá lá, além de tudo ela é humana. É uma pessoa que tem sentimento, que tem família, que tem tudo. Mas naquele momento ela tá trabalhando. E tem uma grande maioria de homem que só se relaciona se for no “puteiro”. Solteiro. E o casado é porque já tá “aviciado”. Eu conheço vários.

(...)

Eu trabalho no Correio há vinte e poucos anos e na pizzaria. Na sexta feira, a gente saía em comboio pra Rua Ceará e ficava. Eu, como que fazendo faculdade também, analisando cada um, via que os caras que eram tímidos lá se transformava. Beijo na boca, bá, já ia certo, com a puta certa e tratava ela como se fosse uma deusa. Alto respeito, não tinha esse negócio de desfazer, de desmoralizar, nada disso.’

Gustavo complementa:

Entrevistadora: O que tem na relação sexual com a prostituta que a torna tão interessante? Tão viciante?

Gustavo: Elas mentem pra gente. Na realidade, quando o homem vai no “puteiro”, ele quer se sentir bem à vontade. Então, a maioria dos homens não vão pra transar. A

maioria paga às prostitutas para conversar sobre suas vidas. E ela vai escutando lá. A maioria das vezes é por companheirismo.”

O homem, apesar de procurar a prostituta por não conseguir se aproximar de outras mulheres, raramente deixará isso claro. Ele tende a se esconder atrás do discurso da opção. O discurso da opção, dessa forma, desnuda a potência e a afirmação de si como constructo da masculinidade. Conforme Simões (2010, p.166), “autoafirmar-se é instituir um poder. Um poder que passa por um combate de sexo e gênero”.

A relação sexual com prostitutas é fundamental para a autorrepresentação da masculinidade. Uma vez que o contato sexual com mulheres é fundamental para a construção do que é ser homem, o homem que tem dificuldades na aproximação com as mulheres encontra, no sexo com as prostitutas, uma saída para a afirmação de tal masculinidade. Não é por acaso que freqüentar prostitutas faz parte do universo masculino e da representação do que é ser homem.

Leonardo: Até conheço um cara que não gosta de ter relacionamento mais e ele prefere não ter que ficar conversando ou saindo. “Quer quanto? Vamos ‘prali’.”

(...)

Entrevistadora: Por que você acha que os homens não querem esse vínculo?

Leonardo: Pelo que eu conheço, pelos meus amigos, pela grande maioria é trauma com mulheres, entendeu? No caso desse amigo, foi casado durante muito tempo e a mulher sacaneou muito ele. Ele pegou uma certa raiva do compromisso. De você fazer muito por alguém e do nada a mulher, sei lá, te esculachar. E a prostituta você não corre risco nenhum. Não precisa ter relação. Acho que o homem tem medo da relação ou não quer passar por uma relação da mesma forma que foi. O Medo.

Tem gente que vai sempre na mesma prostituta. Esse cara mesmo que eu conheço, que era casado. Tem lugar que ele chegou a deixar o cordão dele de ouro lá, ele ia tanto lá que no outro dia que ele foi lá a prostituta: “ não, tá aqui, você esqueceu.” Se fosse outra pessoa, teria roubado, ficado pra ela. Tem muita gente que vai sempre no mesmo lugar.

Devido ao trauma que o amigo de Leonardo sofreu no seu casamento, o que gerou nele o receio em se relacionar com as mulheres, atualmente, ele só encontra prostitutas. No entanto, parece que ele estabeleceu um contato mais duradouro com uma prostituta, tendo com ela estado várias vezes. Afigura-se, neste sentido, uma espécie de conexão entre o casal, mas por ela se estabelecer com uma prostituta e no seu ambiente de trabalho, resguarda o homem de uma possível traição ou decepção amorosa. Mesmo

se relacionando constantemente com a mesma mulher, o dinheiro envolvido na relação se torna uma forma de assegurar um afastamento desejável e uma tentativa de não envolvimento sentimental. Dessa forma, não é permitido ao homem se cobrar e cobrar à mulher. Ao mesmo tempo, ele se torna isento de possíveis chacotas por parte dos amigos, caso ela se relacione com outra pessoa. Se não há laço, não há relação. Esse caso é elucidativo de como, muitas vezes, o recurso à prostituta é fruto da dificuldade no contato com as mulheres. Ele, ainda, nos permite observar outro traço da masculinidade: ter sua honra publicamente, ou não, afetada por uma mulher, ser rejeitado ou não correspondido da forma que se pretende afeta à autorrepresentação do que é ser homem e ameaça esse padrão de virilidade.

Embora pareçam ter o domínio da corte e de todas as convenções, os homens são, muitas vezes, confusos e inseguros na paquera. Além do mais, o padrão de virilidade não lhes permite se sentirem ameaçados em sua potência, segurança e altivez. Sob a ameaça de uma constrangedora negativa, é melhor silenciar perante a companheira e dar espaço à voz no contato com a prostituta.

Entrevistadora: Você acha que tem coisas que as mulheres negam e por isso se deve fazer com prostitutas?

Márcio: Não é questão de negar. É questão de você não querer pedir. Entendeu? Não é questão de negar, porque você não tem como saber. Seria questão de você ter alguma disposição de pedir.

Entrevistadora: O que leva você a não pedir?

Márcio: Não sei. Não sei por que eu não peço. Talvez por medo que não aceite.

A percepção da dificuldade na conquista e na aproximação com as mulheres como motivação para o acesso às prostitutas foi fundamentalmente importante para que eu pudesse entender e significar, a partir da inserção no imaginário masculino, as cantadas recebidas pelos informantes. Durante as entrevistas, tratando de assuntos delicados e íntimos como prazer e sexo, eu certamente facilitei uma aproximação com os informantes, que em muitos casos foi confundida. Quero dizer que, ao tocar nesses assuntos, eu assumi um papel de acessibilidade, facilitando o contato e aproximação de homens que têm dificuldade de se relacionar com mulheres e, por isso, recrutam as prostitutas.

4.4.4

“A gente juntava um grupo e a gente partia pra cumprir as nossas missões”

Casas de prostituição como espaço de sociabilidade

A frase que abre a seção é de Gustavo. Não só esta como também aquela que faz alusão a São Jorge. Gustavo utiliza a palavra “missão” como metáfora para o contato sexual com prostitutas, assim como se vale da figura de São Jorge, sabidamente santo guerreiro, para falar da irrefreável potência sexual masculina. As palavras e expressões empregadas por Gustavo falam muito do grupo social do qual faz parte e nos deixam vestígios para a sua maior compreensão. Como em todo meio social, Gustavo compartilha um léxico todo específico para se expressar, neste caso um vocabulário que remete ao militarismo. Ou seja, Gustavo utiliza termos militares para se referir à atividade sexual com a prostituta. A utilização de tais expressões revela mais do que apenas o grupo social do qual o informante é pertencente, marca também a entrada de Gustavo neste universo masculino que naturaliza o sexo pago e que tem nas casas de prostituição um espaço de sociabilidade. A comprovação desta assertiva se observa no fato de Gustavo somente ter tido a sua primeira relação sexual com prostitutas após o ingresso na corporação.

A habitual procura por prostitutas como dado da cultura do meio social masculino também se revela através do significativo número de informantes que consegui por indicação dos próprios dentro de um mesmo espaço, neste caso, os Correios. As conversas com Gustavo, que trabalha em um ambiente marcado pela presença masculina, assim como aquelas que tive com os funcionários dos Correios, evidenciaram que é comum em um espaço majoritariamente masculino a reunião dos homens para irem em grupos às Casas de prostituição.

Além disto, a referência que a maior parte dos informantes faz aos seus amigos indica que a prostituta e seus serviços é assunto de conversa entre homens, além de revelar um hábito característico da masculinidade: falar de prostitutas e de aventuras sexuais entre os amigos. Em outras palavras, a ideia do que é ser homem e o exercício da masculinidade passa por uma sexualidade potente e predatória, como temos tentado exprimir. A procura pela prostituta faz parte do universo simbólico do que é ser homem

posto que a representação e identidade masculina se reiteram na banalização da procura pelos serviços sexuais da prostituta.

Muitos informantes afirmam freqüentar casas noturnas para “zoação entre os amigos”, justamente por se tratar de um espaço entendido como masculino em que eles podem se sentir à vontade, conversar livremente e paquerar.

Leonardo: Também outras pessoas vai pra “puteiro” por causa de “zoação”, pra beber, ficar..., conhecer um lugar diferente, poder conhecer um lugar diferente sem se relacionar com ninguém.

Márcio: Deixa eu te falar uma coisa. Na verdade, tem duas coisas. Quando você procura um “puteiro” e quando você procura uma puta. São coisas totalmente diferentes. O “puteiro”, normalmente, é lugar muito mais agradável para você estar com seus amigos. É muito mais tranquilo do que, sei lá, um bar.

Gustavo: Elas são necessárias para ter um ambiente masculino para o homem ficar à vontade, coçar o saco, falar de “putaria”. E também pra poder fugir da rotina do dia-a-dia. Não que num bar você não vai conseguir isso, mas num lugar que tenha mulheres fácies, eu acho que satisfaz mais o homem do que ir a um bar, que só tem homem, poucas mulheres. E acho que a facilidade também de você tirar o dinheiro do seu bolso e ir lá só pagar.

Tadeu: O primeiro contato foi com um amigo. Eu era militar na época e os amigos sempre gostavam de ir pra essas festas, beber muito. Meus amigos sempre gostavam muito de beber e ir pra “zuar” mesmo porque era um ambiente que eles podiam gritar, falar sacanagem e ficava tudo tranquilo; passava a mão na mulher, aquela questão do machismo.

Observa-se, desta forma, que é comum a ida em grupo às casas noturnas, uma vez que o reconhecimento dos pares é fundamental para a construção da identidade masculina. Neste contexto, os homens saem para conversar, se divertir, beber, sendo a atividade sexual colocada em segundo plano ou como consequência. O que vale aqui é se fazer viril diante dos amigos, não sendo obrigatório o ato sexual com a prostituta, uma vez que o simples fato de estar no prostíbulo, simbolicamente, já atesta a masculinidade do homem. Neste sentido afirma Heilborn (1999, p.45) que “à ‘necessidade’, urgência do corpo, é acoplado o desejo de dar satisfação às demandas sociais de mostrar-se homem. A garantia do novo status é fornecida pelo reconhecimento dos pares, que confere legitimidade à passagem”.

Em muitos casos o contato com as prostitutas e com as casas de prostituição faz parte de um rito de iniciação. Familiares ou amigos mais velhos levam o rapaz para conhecer “esse mundo”. Dessa forma, ao ter relações sexuais com a prostituta sob a “supervisão” de outros homens é atestado o reconhecimento dos pares que é fundamental para a afirmação da masculinidade, que, para se constituir enquanto tal, precisa ser constantemente reiterada. Como afirma Bozon (2004, p.27), “a entrada dos jovens na sexualidade se faz através do olhar e do controle dos parentes mais velhos”.

Leonardo: A primeira vez que eu fui foi com 14 anos, um tio meu que me levou para que eu possa ver, conhecer.

(...)

As vezes que eu fui foi com o meu tio e os amigos deles. E num ambiente também perto de casa, eu fui com os amigos. Mas fui também pra poder beber e conhecer o lugar, que eu nunca tinha ido lá.

(...)

Nós homens crescemos com essa ideia. Nossos tios, pais sempre falam uma gracinha, “quando tiver maior vou te levar na ‘casa das prima’, ‘luz vermelha’”.

Apesar de ser aceitável e, até mesmo preferível, a ida em grupo às casas de prostituição, existem alguns limites e interditos por parte dos próprios amigos que precisam ser respeitados. Esses dizem respeito ao contato sexual, ainda que indireto, entre os homens. Isto porque “os homens vêm-se a si mesmos como naturalmente carregados de pulsão sexual [...] o modelo da masculinidade é competitivo e hierarquizante, incluindo por isso o espectro da feminilidade nas disputas pela masculinidade” (Almeida, 1995:189)

Ramón: (...) Uma vez na vida, em 2006, eu fiz uma orgia. Eu e mais dois amigos contratamos três meninas. Tudo bem cada um tem uma menina. Eu sou totalmente contra. Não quero dividir uma mulher com homem nenhum. Duas mulher tudo bem, mas não homens com uma mulher, o homem não gosta.

Almeida (1995, p. 199-200) explica a respeito desse comportamento masculino:

O espectro da homossexualidade não paira sobre as relações femininas, vistas como calcadas sobre o parentesco. É a homosocialidade dos homens aliada à visão predatória da sexualidade masculina que invoca o ‘perigo’ da homossexualidade, revelando ao mesmo tempo a fragilidade da masculinidade e a latência do desejo homossexual numa cultura do gênero que discursa sobre a superioridade do homem

Perguntei, no decorrer da conversa, se Leonardo tinha algum problema em beijar a prostituta durante o ato sexual. A resposta veio em seguida:

Leonardo: Não. Sem beijo na boca. Apesar de já ouvir dizer de gente beijando. Mas rola sempre também aquele negócio de... sei lá, não se beija prostituta. Por n motivos e porque homens passaram ali. É...ficou com ela a noite, outros homens também.

Entrevistadora: E qual o problema?

Leonardo: Por que rola o sexo oral, esse tipo de coisa.

Entrevistadora: Por que isso incomoda?

Leonardo: Porque é outra pessoa (risos). Se você vê um sexo a três, duas mulheres com um homem, eu acho que a mulher beijaria na boca do cara tranqüilo, se ele fizesse sexo oral na mulher. Mas, se for dois homens e uma mulher, nunca, nunca o cara vai beijar a boca da mulher que acabou de fazer o sexo oral no cara. Entendeu?

Entrevistadora: Por que para os homens isso é um problema?

*Leonardo: Primordial é o machismo porque acaba ficando, como dizem por ai, “**você chupa o pau do cara por tabela**”. A mulher, talvez, não veja tanto assim dessa forma. Acaba se envolvendo mais. E é claro que quando a mulher faz o sexo, duas mulheres e um homem, na grande maioria das vezes a mulher beija a outra também, já o homem não.*

A referência ao machismo apareceu inúmeras vezes no decorrer da conversa com Tadeu, Rivaldo e Leonardo. Ou seja, de alguma forma os homens têm consciência das implicações e determinações dessa ideologia de supremacia masculina, no entanto, eles não problematizam ou repensam a questão, mas falam dela como uma justificativa para certas atitudes. Parece, então, que o machismo não é colocado como um problema, mas antes como uma defesa, algo que já está posto e que, portanto, justifica e legitima determinados padrões de conduta. O recurso ao machismo é, assim, usado como retórica para justificar o próprio machismo e a dificuldade de lidar com o falo do outro. O termo machismo, usado pelas feministas e por grupos que condenam todos os tipos de dominação masculina sobre a mulher, é subvertido de forma a se incorporar no discurso.

Por fim, ressalto um trecho interessante que uma vez mais demonstra o quanto o contato com o falo se torna uma ameaça para a masculinidade, uma vez que esta tem sua identidade construída a partir deste membro. Trata-se, portanto, de uma competição falocêntrica. O contato com outro pênis, dessa forma, mancha a virilidade e torna o homem passivo dentro desta construção cultural. Essa ideologia é tão forte e impositiva

que o contato com o próprio pênis, em determinadas situações, causa estranhamento e constrangimento para o homem. Relatando um episódio em que ejaculou na boca de sua namorada, Matheus revela:

Matheus: A primeira vez que isso aconteceu comigo, deu maior merda. Inclusive, eu terminei com a minha namorada por causa disso.

Entrevistadora: Você fez sem ela saber?

Matheus: Não. Tava rolando. Ela queria. Só que ela inventou de me dar um beijo depois. Eu fiquei puto e disse que não ia beijar porra nenhuma.

Entrevistadora: Por quê?

Matheus: Achei nojento. A parada tem cheiro de água sanitária. Ela deu chique. “Não sou puta!”, não sei o que, não sei o que lá. Falou isso várias vezes. Foi no banheiro, se limpou e tal. Mas ficou reclamando. Eu entrei nessa neurose aí e nunca mais tentei fazer isso. Não rola.

Por outro lado, o homem também tende a questionar a sua virilidade quando, no ato sexual, é estimulado ou sente prazer no contato com o ânus. Neste contexto de atribuição de significados sociais às diversas partes do corpo, o contato com as nádegas ainda causa estranhamento para muitos homens. Isto porque as nádegas representam o oposto do símbolo de masculinidade, o falo. Elas, por serem uma parte do corpo presente tanto em homens como em mulheres, deve ser a todo tempo neutralizada, esquecida, para não haver aproximação e identificação (DaMatta, 2010).

Não é por acaso que Tadeu entrou em crise a respeito da sua sexualidade quando, durante o sexo oral, a sua parceira sexual resolveu, sem a sua consulta, estimular o seu ânus.

Finalizo este capítulo com a sua fala:

‘Ela deu uma “linguada” naquele lugar que o homem não está acostumado a receber. Então aquilo, no momento, eu falei: “será que sou viado porque deixei a menina fazer isso?” É uma região sensível que não é tocada. Então, naquele primeiro momento, eu senti o choque. Isso aí que me deixou encrencado. Até porque a maioria dos homens só fala: “Ah! Eu só meto, coisa e tal. Tocar ali, você é viado!”’